

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

*REPRESENTAÇÕES DA DIÁSPORA, MEMÓRIA E  
TRANSCULTURAÇÃO EM BELOVED E THE TORTILLA CURTAIN*

DENISE LORENZONI PIEROTTI FARIA



RECIFE

2010

DENISE LORENZONI PIEROTTI FARIA

*REPRESENTAÇÕES DA DIÁSPORA, MEMÓRIA E  
TRANSCULTURAÇÃO EM BELOVED E THE TORTILLA CURTAIN*

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós Graduação em Letras, da Universidade  
Federal de Pernambuco, como parte dos  
requisitos para a obtenção do título de  
mestre em Teoria da Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Roland Walter

Recife

2010

**Faria, Denise Lorenzoni Pierrotti**  
**Representações da diáspora, memória e**  
**transculturação em Beloved e The Tortilla Curtain /**  
**Denise Lorenzoni Pierrotti Faria. – Recife: O Autor,**  
**2010.**

**82 folhas.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal**  
**de Pernambuco. CAC. Teoria da Literatura. 2010.**

**Inclui bibliografia.**

**1. Literatura americana 2. Diáspora. 3. Memória.**  
**4. Literatura e sociedade. 5. Aculturação. 6.**  
**Fronteiras – Estados Unidos – México. I. Título.**

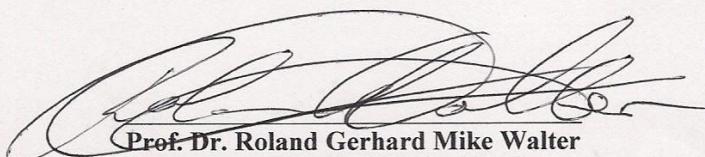
**820(73)            CDU (2.ed.)            UFPE**  
**810                CDD (22.ed.)            CAC2010-27**

**DENISE LORENZONI PIEROTTI FARIA**

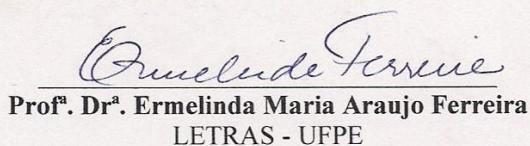
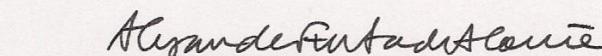
**Representações da Diáspora, Memória e Transculturação em Beloved e The Tortilla Curtain**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Teoria da Literatura, em 25/2/2010.

**BANCA EXAMINADORA:**



**Prof. Dr. Roland Gerhard Mike Walter**  
Orientador – LETRAS - UFPE

  
**Prof. Drª. Ermelinda Maria Araujo Ferreira**  
LETRAS - UFPE  
**Prof. Dr. Alexandre Furtado de Albuquerque Correa**  
LETRAS - UPE

Recife – PE  
2010

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus Todo Poderoso por haver me ensinado a amar indiscriminadamente.

Aos meus pais e irmãos que se fazem presentes em todos os momentos de minha vida.

Ao meu esposo e minhas filhas que são a minha razão de viver.

Ao meu orientador Prof. Dr. Roland Walter, por sua dedicação, orientação e disposição.

Ao Prof. Dr. Aldo de Lima que durante a graduação foi quem primeiro me mostrou a importância dos Estudos Culturais e Antropológicos na Literatura.

Aos Professores e Funcionários da Pós-Graduação em Letras que acompanharam minha caminhada durante os dois últimos anos.

A **TODOS** os meus queridos amigos, companheiros e colegas de curso pela amizade e solidariedade.

A Ariane da Mota, Henrique José Pereira da Silva e Audrey Weir pela dedicação e apoio incondicional.

A Capes que proporcionou minha dedicação ao mestrado.

Dedico este trabalho aos meus queridos avós: Armando Lorenzoni, Amélia Vitiello, José Pierotti e Clara Heitzmann - e a ancestral busca pelos sonhos no Novo Mundo.

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b>	07
<b>Abstract</b>	08
<b>Introdução</b>	09
<b>Capítulo I</b>	
Notas sobre Diáspora, Memória e Transculturação	17
1.1. Contextualização Histórica e Teórica	24
1.1.1 O Europeu e o Africano	24
1.1.2 O Europeu e os Astecas	27
1.1.3 Estados Unidos – A Guerra contra o México, o <i>Manifest Destiny</i> , e a Guerra da Secessão	31
1.1.4 A Fronteira entre México – Estados Unidos, <i>Aztlán</i> e o <i>American Dream</i>	33
<b>Capítulo II</b>	
<i>BELOVED</i> (Amada): diáspora, memória e transculturação	39
<b>Capítulo III</b>	
<i>THE TORTILLA CURTAIN</i> (América): diáspora, memória e transculturação	54
<b>Capítulo IV</b>	
Beloved e The Tortilla Curtain: uma análise comparativa	68
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	73
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	77

## RESUMO

Este trabalho tem por finalidade a análise das representações da diáspora, memória e transculturação nas obras *Beloved* de Toni Morrison (1986) e *The Tortilla Curtain* de T. C. Boyle (1995). Analisando comparativamente de que maneira, via ficção, cada obra problematiza estética e ideologicamente essas temáticas dentro de seus contextos históricos e sociais. O foco de estudo principal é a diáspora involuntária e forçada do africano para os Estados Unidos devido à escravidão, e a diáspora voluntária do Mexicano que diariamente tenta atravessar a fronteira que une e separa o México dos Estados Unidos em busca do *American Dream*.

**Palavras chave:** diáspora, memória, transculturação, fronteira, *American Dream*.

## ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the representations of the diaspora, memory and transculturation in the works of *Beloved* by Toni Morrison (1986) and *The Tortilla Curtain* by T. C. Boyle (1995). It comparatively analyzes in what way, through fiction, each work aesthetically sees these themes as a problem within their historical and social context. The focus of the main study is the involuntary and forced diaspora of the African to the United States of America due to slavery, and the voluntary diaspora of the Mexican, who daily try to cross the border that unites and separates Mexico from the United States of America, in search of the *American Dream*.

**Keywords:** diaspora, memory, transculturation, border, *American Dream*.

## INTRODUÇÃO

I'm nobody! Who are you?  
Are you nobody, too?  
Then there's a pair of us — don't tell!  
They'd banish us, you know.  
How dreary to be somebody!  
How public, like a frog  
To tell your name the livelong day  
To an admiring bog!

**Emily Dickinson**

Este trabalho consiste na análise entre os romances: *Beloved* de Toni Morrison (1986) e *The Tortilla Curtain* de T. C. Boyle (1995), tendo como foco de estudo a temática da diáspora africana e mexicana para os Estados Unidos. Nas duas obras encontram-se os traços humanos e comportamentais decorrentes do processo diaspórico, sendo que o primeiro romance encena um deslocamento que se realiza involuntária e forçadamente, ao passo que outro tematiza um deslocamento voluntário. Partindo dessa perspectiva, serão demonstradas as particularidades estéticas e ideológicas com que cada obra problematiza as temáticas da diáspora, da memória e da transculturação. Devido à complexidade dos romances, existe a possibilidade de análises muito amplas, contudo procurarei me concentrar apenas nos aspectos citados, fazendo recortes nas obras e deixando em aberto para estudos futuros as diferentes temáticas que surgem no decorrer da leitura crítica de cada obra. Neste sítio dissertativo as duas narrativas também serão analisadas sob o aspecto da existência de uma complexa interação entre a oralidade (permeada pela memória) e a escrita literária, observando-se os traços de re-memorização, trauma, transculturação, levando-se em conta os valores estéticos, sociais, econômicos e psicológicos dentro dos respectivos romances.

Toni Morrison, laureada na década passada (1996) com o Nobel por seu romance *Beloved*, começa a demonstrar nos anos 60, em declarações públicas, sua consciência como “escritora afro-americana de que o descaso editorial branco com as obras de escritores negros sofreria um golpe a partir da emergência de teorias críticas no novo campo de pesquisas denominado Black Studies, questionando os pretensos fundamentos científicos da hegemonia branca no cânone literário e reterritorializando o espaço acadêmico. Nos Estados Unidos a partir do movimento em prol dos direitos civis dos anos 60, desenvolveu-se em escritoras negras a consciência desta estreita articulação entre sua militância política anti-racista, sua atuação acadêmica e o desenvolvimento de sua obra literária em progresso.<sup>1</sup> Dessa forma, a postura de Morrison enquanto ficcionista vai dialogar com esse contexto e intervir com mudanças significativas. No romance da autora, a *história* se passa no final do século XIX, época em que os Estados Unidos começavam a lidar com as feridas da escravidão recém-abolida, ela, então, abre um espaço para abordar o passado dos negros africanos via memória, proporcionando vir à tona as representações do imaginário silenciado da raça.

---

<sup>1</sup> Fonte: Campos, Maria Consuelo.

[http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/06julho/artigo\\_maria\\_consuelo.htm](http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/06julho/artigo_maria_consuelo.htm). Acesso em 10/03/2008.

Inserido numa outra conjuntura, o romance de T. C. Boyle se refere ao momento histórico atual e “*problematiza a fronteira cultural, etnoracial e geográfica dinâmica que une e separa os mexicanos e os norte-americanos na Califórnia*” (Walter, 2007, p.209). Em *The Tortilla Curtain* ocorre uma imigração (in) voluntária devido à busca por melhores condições de vida, o dito *American Dream*. As diversas espécies de simbologias ligadas ao imaginário mexicano, inclusive na sua relação com o imaginário dos Estados Unidos, encontram-se na obra. As dimensões metafóricas na *história* - aquelas que demonstram os sonhos do mexicano que se sente inferiorizado diante do anglo-americano; aquelas que redescobrem o universo alterado dos mexicanos que cruzam a fronteira - se apresentam no trabalho de T. C. Boyle como um vasto campo para análises teóricas e críticas.

A literatura e a representação das temáticas sociais do pós-colonialismo serão abordadas e o contexto histórico terá relevância nesse estudo, através da formação étnica de cada povo a partir de sua ancestralidade, possibilitando dessa forma conhecer e problematizar os aspectos de cada nova etnia formada – que reflete e refrata a cultura, os costumes e o comportamento de cada grupo em um contexto social comum. Os questionamentos que surgem a partir de uma nação colonizada e, por sua vez, formada por povos dominadores e dominados, também estão presentes no modo como os povos dominados e explorados colaboram e modificam a característica dessa mesma nação. De que forma a literatura mostra e enfatiza as problemáticas referentes à etnia, aos problemas sociais e à transculturação no processo de formação de uma nação nova e de que forma isso é conduzido levando-se em conta o estilo de cada autor?

Os mitos, a busca pelo “lar”, as diversas espécies de simbologias ligadas ao imaginário específico de cada grupo, inclusive na sua relação com o imaginário norte-americano, entre outros temas, são comuns nas duas obras.

A importância desse estudo reside no fato de ele se propor a pensar sobre de que maneiras estéticas e ideológicas particulares a diáspora (que sempre esteve relacionada a alguma forma de intolerância: perseguições étnicas, religiosas, raciais e lutas sociais) é problematizada pelas obras dos dois autores norte-americanos. Faz-se importante indagar como cada romance trabalha ficcionalmente os efeitos da diáspora enquanto questão social e global. As obras evidenciam que os efeitos foram múltiplos, como por exemplo, o “*desenraizamento*”<sup>2</sup> - uma ruptura em relação ao tecido social e cultural

---

<sup>2</sup> Ver Ecléa Bosi em *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos*, 2003.

materno que chegou a ocasionar em determinados casos dificuldade na aprendizagem da língua estrangeira e certos distúrbios no comportamento psicológico.

Esta análise comparativa traz contribuições crítico-literárias a partir da discussão de: 1) as dificuldades ocasionadas pela diáspora nas vidas dos personagens das duas obras, isto é, o fato de sofrerem discriminação racial e étnica de maneira semelhantemente cruel, apesar de serem personagens situados em momentos históricos diferentes (séculos XIX e XX); 2) como *história* e *discurso* conferem plasticidade e valores a essa temática. Em *Beloved* será analisado o ficcionalizar do deslocamento dos negros africanos para os Estados Unidos e a busca de sua identidade através da memória e do esquecimento; em *The Tortilla Curtain* será estudada a ficcionalização da diáspora no modo como ela se relaciona com a procura por uma vida melhor; a procura infinita e talvez inatingível pelo “lar” e ainda a busca inconsciente dos mexicanos pela terra de seus ancestrais, quando se arriscam diariamente ao cruzar a fronteira que os separa dos Estados Unidos o qual, sempre quis ser ““*a cidade brilhante no topo da montanha*” (Atwood, *apud* Walter, 1998, p.221). A problematização do “*American Dream*” e a busca do mexicano por uma vida melhor que resulta, na verdade, em descriminação e humilhação e que é na verdade uma ferramenta importante para o desenvolvimento capitalista dos Estados Unidos onde os cidadãos norte-americanos caucasianos não se submetem às tarefas ditas “inferiores” e mal remuneradas, terá uma grande importância neste estudo.

Para chegar ao momento histórico de cada um dos romances, é necessário um estudo da formação da nação norte-americana e seus povos fundadores, sendo o principal foco desse estudo: o nativo indígena asteca: a problematização da herança cultural de seus povos e seus direitos legítimos à referida nação; os africanos: compreender e analisar a sua trajetória, em que condições os africanos saíram de seu continente e como este povo se posiciona socialmente nos Estados Unidos no século XIX, a conquista de direitos legítimos na sociedade de chegada através de alguns de seus principais representantes e a importância dos Black Studies no século XX; os mexicanos: sua formação étnica, sua ancestralidade e a perda de seu território durante a guerra contra os Estados Unidos; e finalmente o europeu: que também faz parte dessa diáspora para o “Novo Mundo” – diáspora considerada voluntária – ainda uma questão a ser problematizada: existiria diáspora voluntária? – um povo dominador que se considera o “descobridor” das terras e que se coloca como raça superior que opõe os povos nativos, submete os africanos a um tratamento desumano em *Beloved* e não aceita

e ao mesmo tempo se aproveita da mão de obra dos mexicanos para trabalhos considerados “inferiores” em *The Tortilla Curtain*. A problematização dessa condição de “raça superior e dominante” do europeu nesse trabalho é inevitável, bem como a complexidade das relações das fronteiras que separam as nações e os povos, a *alteridade* e a interação entre as diferentes culturas que se encontram e se fundem.

Pelo fato dos romances sustentarem tais silhuetas, as maneiras como seus valores ideológicos dialogam e constituem-se em forma literária é visivelmente uma questão importante a ser discutida, pois se tratam de dois tipos de processos diaspóricos distintos: um forçado, outro (in) voluntário, vivenciados por grupos particulares (negros e mexicanos), em tempos históricos específicos (séculos XIX e XX). Logo, encontramos um terreno fértil para a pesquisa, que suscita várias questões e caminhos de respostas. É, sem dúvida, relevante estudar os significados das várias simbologias que os romances trazem suas implicações culturais e ideológicas dentro da estética literária, suas singularidades, diferenças e peculiaridades.

Será analisado como cada um dos romances trata a problemática da diáspora. De que forma a diáspora do negro no século XIX é “demonstrada” por uma escritora do século XX e de que maneira a diáspora mexicana que ocorre em vias contemporâneas adquire contornos ficcionais. A partir de uma análise baseada na teoria da diáspora, serão verificados os elementos que evidenciam a representação da memória e da transculturação na situação da imigração nos Estados Unidos.

O objetivo específico dessa análise foi demonstrar como os dois romances trabalham esteticamente e ideologicamente as seguintes questões: 1) A aculturação e a assimilação pela sociedade de chegada; 2) A memória - problematizando a constituição ou perda da identidade; 3) A formação de novas etnias e a transculturação por meio da presença e/ou o recalque do Outro; 4) A (re) construção do passado e da pátria como tempo e espaço míticos (o mito do paraíso perdido, o mito da infância perfeita, o mito da América como o novo Éden), 5) a relação entre história e memória na reconstrução da trajetória diaspórica nos Estados Unidos.

Os estudos relacionados à história e à memória cultural, à literatura e à história da imigração, representadas no texto escrito e suas referências à cultura oral são as bases dessa análise. A justificativa para o uso dos conceitos de diáspora, memória e transculturação recai na indicação da necessidade de pesquisar marcas duradouras, ou sintomas, no comportamento dos imigrantes (personagens), denominando como traumática uma vivência que traz em um determinado período de tempo, distúrbios

duradouros que deixam na memória marcas e restos de recordação. A respeito da análise teórica as obras que se destacaram e forneceram subsídio para a elaboração desse estudo, obras que discutem e problematizam a relação entre história, literatura e memória foram principalmente: *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais* – Stuart Hall; *O Labirinto da Solidão e Post Scriptum* – Octávio Paz; *O Local da Cultura* – Homi K. Bhabha; *Narrative Identities: (Inter) Cultural In-Betweenness in The Americas* – Roland Walter; *Afro-América: Diálogos Literários Na Diáspora Negra das Américas* – Roland Walter; *Transferências Interculturais: Notas sobre Trans-Cultura, Multi-Cultura, Diásporas e Encruzilhadas* – Roland Walter; *O Atlântico Negro* – Paul Gilroy; *As Américas e a Civilização - Processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos* – Darcy Ribeiro; *O Povo Brasileiro* – Darcy Ribeiro. Pretende-se estudar os romances seguindo a perspectiva interdisciplinar entre literatura e sociedades articulando o processo de criação ficcional-literária ao contextual-histórico de uma maneira equilibrada, isto é, entendendo que a literatura não se trata de um espelho do real social, mas de uma instância que através de um trabalho estético veicula esse real problematizado.

Os textos estudados colaboraram na argumentação geral a respeito da diáspora, memória, transculturação e da existência de um duplo esquecimento: o primeiro, inconsciente, causado pelo trauma em si (ferida aberta, ruptura, catástrofe existencial); o segundo causado pela tendência à mimetização do imigrante nos Estados Unidos, privilegiando o mito da ascensão social e o *American Dream*, através de sua plena integração e aceitação na sociedade de chegada. Repensar esse fenômeno não significa, portanto, empreender um estudo do passado como algo que "realmente aconteceu", mas, partindo da análise do contexto histórico e social do romance, trata-se de analisar a relação entre o trauma causado pelo êxodo forçado e o voluntário e sua representação na memória cultural e na ficção literária. Concebendo a memória como a instância que estabelece uma conexão entre nosso passado individual e nosso passado coletivo (nossas origens, heranças e história). O passado está sempre conosco, e ele define o nosso presente; ele ressoa em nossas vozes, paira sobre nossos silêncios, e explica como nos tornamos nós mesmos e habitamos no que chamamos ‘nossa casa’. Assim, “‘o que nós chamamos de passado é apenas uma função e produção de um presente contínuo e seus discursos’”<sup>3</sup> (Hirsch e Smith, apud Agnew, 2005, p.2). Dentro dessa perspectiva é

---

<sup>3</sup> Tradução da autora dessa dissertação.

que serão utilizadas as idéias de "impossibilidade" de narrar o acontecido, como ocorre em *Beloved*, quando a mãe busca no fantasma da filha morta a necessidade e a compulsão obsessiva de repetir o relato dos acontecimentos, a angústia e a dificuldade em relação ao ato de relatar o evento traumático, a problemática da testemunha e suas aporias.

A formação das nações através dos povos que se transfiguraram também será objeto desse estudo: como se dá a formação de uma nação economicamente dominante e como o resultado dessa força econômica é refletida imediatamente através do *poder* que é legitimado pelo resto do mundo? Sua relação com a produção da verdade e as resistências que suscita: como o poder age através de um povo novo, constituído por etnias diferentes ainda em busca de sua identidade onde a diáspora teve um papel primordial para a sua formação? Um aspecto importante analisado nas relações entre a diáspora na formação de um povo-nação será a *alteridade*. Partindo do pressuposto básico de que todo o homem social interage e interdepende de outros indivíduos, muitos estudiosos afirmam que a existência do eu individual só é permitida mediante um contato com o Outro.

“A noção de outro ressalta que a diferença constitui a vida social, à medida que esta se efetiva através das dinâmicas das relações sociais. Assim sendo, a diferença é, simultaneamente, a base da vida social e fonte permanente de tensão e conflito” (Peirano, apud G. Velho, 1996, p.10).

Dessa forma eu apenas existo a partir do outro, da visão do outro, o que me permite também compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, partindo tanto do diferente quanto de mim mesmo, sensibilizado pela experiência do contato. A partir do conhecimento da cultura do outro reconhecemos que somos possíveis entre tantas outras culturas.<sup>4</sup> Problematizar a chegada do outro, a *alteridade* e a transculturação no estudo da diáspora e como essa interação ocorre na formação da personalidade e característica de um povo será um aspecto fundamental na elaboração dessa análise.

A pesquisa está disposta em cinco etapas, incluindo a presente Introdução e as Considerações Finais. O primeiro capítulo, “Notas sobre a Diáspora, Memória e Transculturação” é resultado das leituras dos teóricos apontando várias concepções e

---

<sup>4</sup> Fonte: Peirano, Mariza: <http://www.unb.br/ics/dan/Serie255empdf.pdf> - acesso em 14/10/2008

definindo quais serão seguidos. No segundo capítulo serão tratados os fatores estéticos e ideológicos em *Beloved* de Toni Morrison envolvendo a diáspora dos escravos através dos personagens da obra, a memória pela busca da identidade dos afro-americanos, via oralidade e mitos e a transculturação, a transfiguração étnica e a formação da nação. O terceiro capítulo trata do romance de T.C. Boyle, *The Tortilla Curtain*, os fatores estéticos e ideológicos da obra envolvendo a diáspora (in) voluntária do povo mexicano para os Estados Unidos problematizando a fronteira e mostrando os caminhos dos personagens e as escolhas do autor; a memória será problematizada através do direito dos mexicanos pela terra dos ancestrais, o povo nativo que se encontrava na Mesoamérica antes e durante a chegada de Cortéz; a transculturação étnica sofrida pelos mexicanos permeada pela influência européia (hispânica), priorizando como referencial teórico Octávio Paz e ainda a busca pelo *American Dream*. No quarto capítulo essas imagens interpretativas que marcam o movimento dos sentidos dos romances são tomadas como balisas para a análise comparativa: as diferenças e semelhanças entre os romances recortados como corpus de análise; isto é, a diáspora, a memória e a transculturação, que serão os elementos selecionados para serem averiguados de que maneiras particulares eles retornam em *Beloved* e *The Tortilla Curtain*.

Feitos os devidos esclarecimento iniciais, abre-se então, a partir de agora uma reflexão sobre história e literatura através da diáspora, memória e transculturação nos romances citados. Bem-vindos a bordo dessa viagem através do Oceano Atlântico, cenário da diáspora para o Novo Mundo.

# CAPÍTULO I

## NOTAS SOBRE DIÁSPORA, MEMÓRIA E TRANSCULTURAÇÃO

*“Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo.” – Stuart Hall.*

*“A memória funciona enquanto interstício traiçoeiro entre a memorização e o esquecimento muitas vezes no âmbito do subconsciente. Mais subjetiva do que objetiva e concreta, ela é distorcida e ambígua porque sempre é inventada, reimaginada e reconstruída. A memória é um lugar de negociação cultural por um lugar na história.” – Roland Walter.*

*“A transculturação, afirmo, deve ser compreendida como modo polivalente que abrange um diálogo incômodo entre a síntese e a simbiose, a continuidade e a ruptura, a coerência e a fragmentação, a utopia e a distopia, o consenso e o dissenso, a desconstrução e reconstrução.”*  
– Roland Walter.

## 1. Notas sobre Diáspora, Memória e Transculturação.

Nesse capítulo darei voz à teoria que foi tomada como base para as reflexões sobre as obras estudadas. Começando pela diáspora que é o foco principal de estudo e da qual derivam todas as outras reflexões teóricas nesse campo dissertativo, pois sendo a diáspora o ponto de partida para a (trans) formação das nações onde se passam as histórias dos romances a serem analisados, é fundamental que nos debrucemos em seu significado e sua importância nos estudos dos indivíduos que ilustram cada povo e/ou etnia representados nos romances através de seus personagens.

A partir dos estudos culturais grupos marginalizados começam a obter “legitimidade acadêmica” e a serem reconhecidos na sociedade. Além disso, os estudos culturais ajudam na compreensão das nações (trans) formadas durante e após o período colonial. Autores como: Hommi Bhabha, Stuart Hall, Roland Walter, Octávio Paz, Darcy Ribeiro, Paul Gilroy, entre outros nos ajudam a compreender a formações dessas nações sob um olhar crítico, problematizando a *alteridade*, a *memória* e a *transculturação* que são resultados de um fenômeno conhecido e difundido nos estudos culturais como *diáspora*. A formação ou a transformação das nações nas Américas é objeto da análise desses autores e a partir deles me debruço para problematizar o resultado dessa transformação étnica – ou *transculturação* - e das problemáticas insurgentes desse acontecimento através da análise comparativa dos romances *Beloved* de Toni Morrison, em português: *Amada* e *The Tortilla Curtain* de T. C. Boyle em português: *América*.

O termo diáspora (que vem do grego antigo “*speiro*” que significa “*disseminar*”) define o deslocamento, normalmente forçado ou incentivado, de grandes massas populacionais originárias de uma zona determinada para várias áreas de acolhimento distintas. É também usado com muita freqüência para fazer referência à dispersão do povo judeu no mundo antigo a partir do exílio na Babilônia no século VI a.C. Em termos gerais, diáspora pode significar a dispersão de qualquer povo ou etnia pelo mundo, no entanto, ele foi originalmente cunhado para designar a migração e a colonização, por parte dos gregos, de diversos locais ao longo da Ásia Menor e Mediterrâneo, de 800 a 600 a.C.<sup>5</sup>. Associada ao destino do povo hebreu, a palavra foi

---

<sup>5</sup> Fonte: DIÁSPORA. In: WIKIPÉDIA, a encyclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2010. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Di%C3%A1spora&oldid=19201061>>. Acesso em: 12/11/2008. Esse trecho se encontra em diversos sites na Internet, a autora dessa

utilizada na tradução da Bíblia onde se inscrevia como uma maldição: "Serás disperso por todos os reinos da terra" (Deuteronômio 28:25). Na versão Bíblica no *Velho Testamento* a diáspora se dá desde o início quando Adão e Eva são expulsos do Jardim do Éden. Essa representação metafórica de ruptura e de deslocamento reaparece no *Êxodo* logo após o povo hebreu ser escravizado no Egito, quando Moisés os liberta e lidera seu povo através do deserto em busca da redenção e da "terra prometida".

Em estudos recentes sobre a diáspora, Bhabha, Walter, Hall, Gilroy entre outros, demonstram que esse fenômeno determina e molda culturas heterogêneas que acabam por conviver no mesmo espaço, e que a *chegada* diaspórica acaba se tornando algo "sempre adiado", uma vez que o indivíduo pertencente à diáspora encontra-se na verdade no *entre-lugar* e traz consigo um sentimento de *não-pertencimento*. Em seus estudos a respeito da diáspora, Roland Walter afirma que:

"A palavra sugere redes de relações reais ou imaginadas entre povos dispersos cuja comunidade é sustentada por diversos contatos e comunicações que incluem família, negócio, viagem, cultura compartilhada e mídia eletrônica, entre outros. Ao ligar as comunidades de uma população dispersa em e através de diferentes nações, e/ou regiões, a diáspora constitui uma das formas transnacionais *par excellence*. (...) A existência diaspórica, portanto, designa um entre-lugar caracterizado por desterritorialização e reterritorialização e a implícita tensão entre a vida aqui, e tanto a memória quanto o desejo por lá. Neste sentido, os que vivem na diáspora (migrantes, imigrantes, exilados, refugiados, *Gastarbeiter*, entre outros) compartilham uma dupla, senão múltipla consciência e perspectiva caracterizadas por um diálogo difícil entre vários costumes e maneiras de ver e agir." (Walter, 2006, p. 5, grifos do autor).

A dificuldade de diálogo entre as culturas distintas que pertenceram à diáspora foi fundamental para a formação das nações Americanas – América Latina, América Central, América do Norte, Caribe – onde a diáspora desempenhou um papel primordial que transfigurou e transformou as características de cada nação. Através da diáspora houve uma ruptura com os povos originais, por meio do genocídio, exploração e

---

dissertação escolheu essa fonte de citação, uma vez que se colocarmos o termo Diáspora em qualquer site de busca será encontrada a mesma definição.

escravidão impostos pelo imperialismo colonial. O que ocorreu nas Américas foi a (trans) formação de povos-nação híbridos descendentes não de um único povo, mas de diferentes povos e culturas que chegaram através do Oceano Atlântico. O resultado desse hibridismo entre povos – não apenas entre os povos oprimidos, mas com a participação dos povos opressores – pode ser chamado de *transculturação*; vale ressaltar que a transculturação nunca é realizada enquanto resultado fixo, os povos e as culturas são permeáveis e sempre serão influenciados pelo contato do *outro*.

Neste estudo, o termo *transculturação* será aplicado para demonstrar como os povos se modificaram e sofreram influências diversas, e como preservaram sua cultura via memória a partir dos primeiros contatos entre civilizações de culturas distintas no continente americano. O que ocorreu na história da formação das nações no Novo Mundo através da diáspora não pode ser definido apenas como aculturação. O cubano Fernando Ortiz em 1940 propôs substituir o termo “aculturação” por “transculturação”, pois para ele esse vocábulo representa com mais eficácia o encontro de culturas distintas e os diversos processos transitivos de uma cultura a outra, porque estes não consistem apenas em adquirir uma cultura nova em detrimento da cultura anterior que é o que em rigor indica o termo “aculturação”, e sim que o processo implica em diversas etapas através da transformação e transfiguração dessas culturas. Grosso modo podemos definir o termo transculturação como o processo que ocorre quando um indivíduo gradativamente adota uma cultura diferente da sua, podendo ou não implicar uma perda cultural. A transculturação está ligada à transformação de padrões culturais locais a partir da adoção de novos padrões vindos através das fronteiras culturais em encontros interculturais ou migrações transnacionais, envolvendo sempre diferentes etnias e elementos culturais transformando ou alterando padrões a partir do elemento externo. Nas Américas cada novo povo formado carregava na memória coletiva traços e características culturais de “*outros-lugares*”. A consequência dessa busca gerou um sentimento de *não-pertencimento*, como já foi dito anteriormente, e a formação de pequenos “guetos” ou grupos marginalizados que se expandiram e que buscaram através da memória – muitas vezes via oralidade - sua identidade. Vale salientar que a transculturação não significa *esquecimento*, ela ocorre através da *rememória* e da *alteridade*: um indivíduo se encontra com outro indivíduo com características culturais e memórias distintas, e desse encontro (muitas vezes traumático) com o decorrer do tempo ocorre a transculturação.

*Memória* e *transculturação* são temas que estão ligados e entrelaçados à *diáspora*: não se pode falar em diáspora sem ser remetido à memória, da mesma forma a transculturação ocorre em decorrência da diáspora. Além disso, esse “*entre-lugar*”, esse “*não pertencimento*” encontra seu alento na memória que, como escreve Homi Bhabha, “*vê o futuro no passado*” (2007, p. 219). Essa *redenção* que é a busca por um futuro de reconhecimento e acolhimento social, faz-se através de fluxos de memória em busca das origens ancestrais dos povos. O Oceano Atlântico, por muito tempo rota dessa dispersão de povos, com o fluxo e o fluir de suas águas e o ritmo imposto por suas marés fez emergir nos povos diaspóricos a busca pela sua identidade e a negação do “*não-pertencimento*”. Sobre a memória dos afro-americanos, Bhabha em sua obra *O Local da Cultura* se refere às minorias e em determinado momento cita as palavras de uma negra de *Lozells Road* no filme *Handsworth Songs*<sup>6</sup>, que metaforiza o fluir das águas como a busca da identidade e a impossibilidade da negação das origens ancestrais via memória,

“*I walk with my back to the sea, horizons straight ahead  
Wave the sea way and back it comes,  
Step and I slip on it.  
Crawling in my journey’s footsteps  
When I stand it fills my bones.*”

“[ *Caminho de costas voltadas para o mar, horizontes bem à frente.  
Afasto o mar e de volta ele vem,  
Um passo e nele escorrego  
Arrastando-me nas pegadas de minha jornada  
Quando me ergo ele me enche os ossos.*]” (Bhabha, 2007, p.221).

Uma característica marcante na memória é o desejo pela volta à terra natal, uma nostalgia que é passada através das gerações, um sentimento comum aos povos diaspóricos: o desejo de retorno à suas origens, demonstrado por Stuart Hall em sua obra: *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. “*Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor.*” (2003, p. 28), e quando o retorno acontece o sujeito diaspórico sente que não pertence mais àquele lugar, *ele* não é mais o

<sup>6</sup> “Handsworth Songs, trata-se de um filme realizado pelo Black Audio and Film Collective durante os protestos de 1985 no bairro de Handsworth, em Birmingham, Inglaterra. Rodado em meio aos protestos, é assombrado por dois momentos: a chegada da população migrante nos anos 50 e a emergência de povos negros britânicos na diáspora. E o próprio filme é parte da emergência de uma política cultural negra britânica.” (Bhabha, p. 219/220)

mesmo devido ao seu contato com o *outro*: “*Ao voltar para a terra, essa mesma terra nos é irreconhecível*” (2003, p.27).

Ao ler Hall imediatamente nos remetemos a Heráclito, filósofo grego conhecido com o pai da Dialética, e sua máxima “*Panta rheî*”, que significa “tudo flui”, “tudo se move”, que afirmou: “*não se pode banhar duas vezes no mesmo rio, porque, ao entrarmos pela segunda vez, não serão as mesmas águas que estarão lá, e a mesma pessoa já será diferente*”.<sup>7</sup> Concordamos com o filósofo e reafirmamos que esse *retorno* é impossível, pois o indivíduo diaspórico não será mais o mesmo, uma vez que tenha contemplado a face do *outro*. Nesse sentido Hall responde ao questionamento sobre sua diáspora individual, a saber:

"Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertenço a nenhum deles. E esta é a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma 'chegada' sempre adiada" (Hall, 2003, p.393, grifos do autor).

Diáspora e memória caminham de mãos dadas e a justificativa para o uso do conceito de memória recai na indicação da necessidade de pesquisar marcas duradouras, ou sintomas, no comportamento dos imigrantes, denominando como traumática uma vivência que traz em um período de tempo, distúrbios duradouros que deixam na memória marcas e restos de recordação. Como esquecer o sofrimento imposto aos escravos quando de sua partida da África em navios negreiros? Esse sofrimento foi passado oralmente aos seus descendentes, que por sua vez também sofriam e se apegavam às recordações de seus pais, recordações que foram passadas de geração em geração.

Ao tratarmos especificamente da diáspora negra para as Américas, o contato com os outros indivíduos pertencentes a esse deslocamento resultava em *estranhamento* e a partir desse primeiro contato com o *outro* surgia então à consciência de cada indivíduo a existência de alguma outra possibilidade cultural além do conhecimento e da cultura individual. A bordo dos navios negreiros, ocorre o contato do *eu* com o *outro* e se dá o inicio da busca pela identidade. Desse caldeamento de culturas de povos de etnias diversas, deu-se o início da troca e do entrelaçamento de culturas, e dessa forma,

---

<sup>7</sup> Fonte: [www.mundodosfilosofos.com.br/heraclito.htm](http://www.mundodosfilosofos.com.br/heraclito.htm). Acesso em 20/10/2009.

o início da transculturação, pois os descendentes dos povos diaspóricos continuam sofrendo interferências culturais.

Partindo do pressuposto que a “*memória é a faculdade de reter idéias ou reutilizar sensações, impressões ou quaisquer informações adquiridas anteriormente*” como nos apresenta o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (Ferreira, 1989, p.334), percebe-se que a memória proporciona o lembrar da própria lembrança e não deixa que se apaguem as experiências adquiridas por todos os envolvidos em determinado episódio. Filosoficamente memória significa a capacidade de reter um dado da experiência ou conhecimento adquirido e trazê-lo à mente. Toda produção do conhecimento se dá a partir de memórias de um passado que é consolidado no presente. Hilton Japiassú, no *Dicionário de Filosofia* afirma:

“A memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente”. (Japiassú, 1996, p.178).

Por muito tempo o esquecimento foi imposto aos povos transplantados. O *lembrar* não era produtivo e poderia ser um retrocesso no projeto “utópico” de construção do Novo Mundo. Ao processo civilizatório europeu opunha-se a cultura dos povos nativos e a dos povos diaspóricos. O esquecimento seria um componente importante na formação de uma nação homogênea. Faz-se necessário que exista um colapso de identidade para apaziguar os ânimos e tornar o “povo escolhido” mais dócil, e essa docilidade, ideologicamente falando, está no esquecimento.

Homi Bhabha ao discorrer sobre a necessidade do esquecimento na formação dos povos diaspóricos diz que “*a identidade da parte do todo, passado e presente é atravessada pela ‘obrigação de esquecer’, ou esquecer para lembrar.*” (Bhabha, 2007, p. 226). Portanto a presença *fantasmagórica* do passado deve ser exorcizada.

A metáfora do *quilting*<sup>8</sup> é muito apropriada quando falamos sobre memória e esquecimento: como uma artesã que faz uma colcha de retalhos, a memória seleciona o que é mais bonito e/ou agradável, e descarta o que não vale a pena ser lembrado para montar uma bela peça de tecido. Através desse trabalho com retalhos podemos pensar na formação da identidade dos povos diaspóricos. Assim como os retalhos feios ou rasgados que não servem para montar uma colcha aparecem entre os mais bonitos ou adequados, as lembranças que desejamos esquecer voltam para nossas mentes.

Ao falarmos em memória e esquecimento na (trans) formação dos povos diaspóricos faz-se necessária uma contextualização histórica para a aplicação da teoria estudada no decorrer desse trabalho analítico sobre a diáspora para o Novo Mundo e seus povos fundadores e (trans) formadores.

### 1.1. Contextualização Histórica e Teórica

Na análise dos romances serão utilizados os elementos da diáspora, memória e transculturação dentro de uma perspectiva histórica onde as narrativas ocorrem. Muitas vezes faz-se necessário um retorno ao passado para uma melhor compreensão do presente. Nesse campo dissertativo os três objetos de estudos estão diretamente ligados à história da formação dos povos e das nações a serem estudadas dentro dos respectivos romances. Como falar da diáspora e transculturação dos mexicanos sem antes conhecer os conflitos históricos pelos quais eles passaram? E ainda como explicar a memória e a transculturação sem pensar historicamente? Não pretendo me estender em longas explanações sobre dados históricos. Serão levantados apenas os períodos e fatos históricos que considerei relevantes para a formação dos povos, das nações e dos indivíduos representados nas obras literárias que me disponho a analisar.

#### 1.1.1 O Europeu e o Africano

---

<sup>8</sup> A palavra *quilt* provém do latim *culcita*, uma espécie de colchão ou almofadão preenchido com algo macio e quente (assim como penas, lã ou cabelos) e usado para deitar ou cobrir. *Quilting*, que significa acolchoamento, e *Patchwork* são parceiros no mundo do artesanato, e têm estado juntos por milhares de anos. Na América do Norte, especialmente nos Estados Unidos, o *quilting* e *patchwork* faziam parte da cena social, particularmente nas áreas rurais, onde eram praticados desde os tempos da colonização. Serviam como ferramenta de sobrevivência, de escape social devido à cooperação na montagem de itens grandes e, em geral, eram a única forma de expressão criativa de mulheres que muitas vezes viviam em lugares isolados. Para saber mais sobre quilting ver Rosemary Wilkinson (2004).

Na *diáspora africana* milhões de indivíduos provenientes de diferentes etnias foram arrebatados de seu local de origem à força e escravizados. No primeiro momento por outras nações africanas, e depois pelos europeus que os transportaram nos navios negreiros, devido à necessidade de contingente de mão de obra para a exploração das terras ditas “descobertas” e dessa forma foram trazidos para as Américas. Darcy Ribeiro ilustra o momento da “caça e aprisionamento” do negro africano:

“Apresado aos quinze anos em sua terra, como se fosse uma caça apanhada numa armadilha era arrastado pelo pombeiro – mercador africano de escravos – para a praia, onde seria resgatado em troca de tabaco, aguardente e bugigangas.”  
(Ribeiro, 2008, p.107).

Antes desse momento descrito por Ribeiro, havia um indivíduo com desejos, sonhos e identidade própria, dentro de uma comunidade familiar culturalmente homogênea, por menor que essa comunidade fosse. Portanto a chegada do negro no Novo Mundo traz consigo uma carga de memória represada que é passada adiante através das gerações.

A história da escravidão e colonização está marcada pela ruptura violenta e abrupta dos africanos para com sua pátria ou sua “tribo”. Trazidos para trabalhar na colonização das Américas, a esses povos diaspóricos foram negados o direito a liberdade e dignidade enquanto seres humanos. A África da época da escravidão era como ainda hoje o é, um continente com uma grande diversidade lingüística e cultural formado por povos e tribos distintos uns dos outros, muitas vezes hostis entre si devido a conflitos internos. Contudo com o passar do tempo esses indivíduos foram compelidos a conviver apesar das diversidades culturais e lingüísticas e fundir-se através da memória prestando culto aos seus ancestrais e ao seu continente de origem: a África.

Os povos dominadores do período histórico em que ocorre a diáspora africana, colonizadores e co-responsáveis pelo comércio de escravos tratavam erroneamente essa população diaspórica como provinda de uma cultura ou etnia unitária ou homogênea, não obstante tendo esses povos muitas vezes como única similaridade a cor da pele e alguns traços físicos particulares. Os descendentes desses africanos que aportaram na América do Norte, mais precisamente nos Estados Unidos, se denominaram afro-americanos e nesta rede de interação as múltiplas culturas africanas que foram trazidas nos navios negreiros preservaram marcas visíveis dos seus traços étnicos, e fundiram-se,

transfigurando e manifestando traços comuns marcantes não apenas na semelhança física como na música e na dança, na culinária e na preservação dos mitos através da religião.

Por mais que sua cultura fosse represada e aniquilada os descendentes de africanos deram inicio a um processo de criação, invenção e re-criação da memória cultural para preservação de laços mínimos de identidade. O escravo recém trazido da África, que fora represado junto a outros membros através de uma viagem macabra e trágica pelo Oceano Atlântico, que Paul Gilroy chama de o Atlântico Negro - uma metáfora ao racismo e a transculturação dos povos dentro do navio negreiro, onde o sentimento de desterritorialização da cultura encontra-se em oposição à idéia de uma cultura territorial fechada e codificada no corpo.

"Sob a chave da diáspora nós poderemos então ver não a raça, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem" (Gilroy, 2001, p.25).

Gilroy elege o navio como sua principal unidade de análise, a importância histórica e teórica do mesmo provém do fato de haver funcionado como o principal canal de comunicação dos povos africanos. O navio representa "*um sistema vivo, microcultural e micropolítico em movimento que coloca em circulação, idéias, ativistas, artefatos culturais e políticos*" (Gilroy, 2001, p.38). O escravo trazido por esse navio encontra-se na chegada com outros indivíduos aniquilados e enfraquecidos culturalmente. Darcy Ribeiro em sua obra *O Povo Brasileiro* descreve a necessidade de integração dos povos africanos nas *terras novas*,

"Encontrando-se dispersos na terra nova, ao lado de outros escravos, seus iguais na cor e na condição servil, mas diferentes na língua, na identificação tribal e frequentemente hostis pelos referidos conflitos de origem, os negros foram compelidos a incorporar-se passivamente no universo cultural da nova sociedade." (Ribeiro, 2008, p.103).

Durante o período colonial é importante ressaltarmos que os povos que participaram da diáspora não foram apenas os africanos, afinal os europeus também

atravessaram o Oceano Atlântico impulsionados por desejos individuais e coletivos. Nessa diáspora ocorreu o encontro entre povos distintos, dominados e dominadores.

“Uma só geração, na passagem do quinhentos, que conhece descobridores como Colombo, Vasco da Gama, Cabral e Vespuílio; conquistadores ferozes como Cortez, Pizarro e Jimenez; humanistas como Thomas Morus, (...) entre outros e logo depois épicos como Camões e místicos como Santa Teresa (...).” (Ribeiro, 2007, p.48)

Quando pensamos nesses descobridores, conquistadores, humanistas, épicos entre tantos outros, somos levados a problematizar o fato de *não* haver uma diáspora “voluntária” para as Américas: o desejo do ser humano, seus sonhos e aspirações, sua necessidade pelo novo, pelas conquistas, pelo poder, e também pelo desconhecido, os impulsionaram a atravessar as águas do Oceano Atlântico e os levaram a conhecer outras culturas e a fazerem parte da transformação dos povos e das nações que encontraram. Como resultado dessa diáspora e do encontro de povos e de culturas diversas, Hall explica os laços mínimos de identidade,

“Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas. Junto com os elos que as ligam a uma ilha de origem específica, há outras forças centrípetas (...). Existem as semelhanças com outras populações ditas de minoria étnica, identidades “britânicas negras” emergentes, a identificação com os locais dos assentamentos, também as reidentificações simbólicas com as culturas “*africanas*” e, mais recentemente com as “*afro-americanas*” - todas tentando cavar um lugar junto (...).” (Hall, 2009, p.27, grifos do autor).

Retomando a problemática da diáspora e suas aporias é pertinente continuarmos com o olhar sobre o conquistador europeu, figura relevante na transformação e transculturação dos povos no Novo Mundo. Observaremos a seguir o que ocorreu com a chegada do europeu na Mesoamérica.

### 1.1.2. O Europeu e os Astecas

A expansão européia ocidental se lançou sobre todos os povos nos últimos séculos, principalmente durante o colonialismo, em ondas sucessivas de violência,

cobiça e opressão. Todos os povos acabaram de alguma forma sendo atingidos pelo sistema econômico europeu, contudo os povos americanos “descobertos” e “colonizados” por eles foram os que mais se transformaram e transfiguraram. Portanto, podemos dizer que povos americanos e europeus se encontraram nessa diáspora para o Novo Mundo e que ambos sofreram influências múltiplas devido ao contato com a cultura do *outro*. Obviamente o colonizador encontrava-se em posição vantajosa impondo sua cultura sobre o povo dominado e colonizado. Torna-se importante nessa análise estabelecer que nos territórios de chegada – no caso desse campo dissertativo a região que hoje compreende o território do México, anteriormente denominada como Mesoamérica – já existiam civilizações nativas e muitas vezes tecnologicamente avançadas como os Astecas e os Maias com populações muito maiores do que as da própria Espanha<sup>9</sup>. Essas populações foram denominadas por Darcy Ribeiro como “*povos testemunho*”. Esses *povos testemunho* eram nativos das Américas e na época da chegada do europeu ostentavam uma pluralidade de cidades e culturas. Vejamos o que Darcy Ribeiro nos diz a propósito dos “povos testemunho”:

“Designamos como povos testemunho as populações mexicanas, mesoamericanas e andinas, enquanto sobrevidentes de antigas civilizações – asteca, maia e incaica – que desmoronaram ao impacto da expansão européia, entrando num processo secular de aculturação e de *reconstituição étnica*, ainda inconcluso para todas elas.” (Ribeiro, 2007, p.97, grifo meu).

É sobre esses povos e através da literatura e da análise do romance de T. C. Boyle juntamente com teorias dos estudos culturais que analisaremos a diáspora (in) voluntária dos mexicanos para os Estados Unidos em busca do *American Dream* - um

---

<sup>9</sup> É hoje uma questão muito polêmica a dimensão alcançada pela população indígena americana antes da conquista européia. As estimativas variam de menos de dez a mais de cem milhões, para uma população européia contemporânea de 60 a 80 milhões. Por outro lado, é certo que a população do continente no início do século XVII foi da ordem de dez milhões e isso dá uma conotação política à questão: se os números mais elevados estão corretos, o massacre da população indígena das Américas foi de longe o pior genocídio da história, com o qual aqueles promovidos por Hitler e Stálin mal se compararam.

Fonte: Antonio Luiz Monteiro Coelho da Costa - Colaborador da revista Carta Capital -. <http://antonioluizcosta.sites.uol.com.br/Historia1500.htm#%C3%ADndice> acesso em 15 de janeiro de 2010.

povo que sofreu o processo da transculturação através dos séculos desde a chegada do europeu.

Quando os espanhóis chegaram à região da Mesoamérica, liderados por Hernán Cortés, encontraram os Astecas liderados por Moctezuma II e deram início à sua campanha para subjugar os nativos. Essa ocupação promoveu incontáveis modificações étnicas e foi causadora de um genocídio de proporções incalculáveis dentro da história da humanidade. Octávio Paz em seu livro *O Labirinto da Solidão*, faz uma reflexão sobre o México na época da chegada do europeu, na figura do conquistador Cortés,

“Quando refletimos no que era o nosso país, na época da chegada de Cortés, surpreende-nos a pluralidade de cidades e culturas, que contrasta com a relativa homogeneidade de seus traços mais característicos. A diversidade dos núcleos indígenas e as rivalidades que os dilaceravam indica que a América Medial era constituída por um conjunto de povos nações e culturas autônomas, com tradições próprias, exatamente como o Mediterrâneo e outras áreas culturais. Por si mesma, a América Medial era um mundo histórico.” (Paz, 1984, p.84).

Paz ao se referir à chegada do espanhol a mais poderosa de todas as cidades astecas, Tenochtitlán, questiona o motivo pelo qual Moctezuma cede e abre as portas da cidade ao *inimigo*. Para compreender a derrota do povo asteca pelos espanhóis é necessária antes uma elucidação e contextualização das sociedades encontradas naquela região. A *América Medial* ou *Mesoamérica* – era composta por cidades com costumes e culturas muito parecidos que tinham em comum o aspecto teocrático “*Aquelas cidades estavam impregnadas de religião*” (Paz, 1984, p.85). Em *As Américas e a Civilização*, Darcy Ribeiro descreve as especificidades da região,

“No México, os conquistadores espanhóis depararam com o último foco destas civilizações: os astecas de língua náhuatl, então em pleno vigor de sua criatividade e de seu domínio. Estavam estruturados numa confederação integrada por três povos, Tenochtitlán, Texcoco e Tlacopán, sob a hegemonia dos primeiros, que tinham a chefia do exército e do culto e cuja capital era a sede das decisões. Cada povo se dividia em parcialidades de organização clânica e contava com instituições de autogoverno. A confederação mexicana levara seu

domínio a uma área correspondente à maior parte dos territórios do México e da Guatemala atuais, cujos povos havia subjugado, obrigado a pagar tributos em bens e em pessoas e unificado num sistema mercantil comum.” (Ribeiro, 2007, p.106).

Uma prática comum entre os astecas era os sacrifícios humanos, que tinham sua explicação na concepção mítico-religiosa da destinação que se atribuía como Povo do Sol, esse era certamente o elemento integrador mais importante do *ethos* asteca. Eles acreditavam que a luz solar e o calor eram providos através desses sacrifícios. Para tanto as vítimas para esses sacrifícios eram encontradas entre os cativos, matavam-se, portanto, muitas pessoas aumentando os conflitos e sua atividade como guerreiros. Sendo os astecas o povo “mantenedor do sol” fica clara sua supremacia sobre as outras cidades e os outros povos, o que gerava conflitos internos. Ainda a crença em numerosas divindades que exigiam sacrifícios e oferendas, era também muito apoiada em presságios. Uma divindade adorada em Texcoco era Quetzalcóatl,

“(...) uma divindade mais benigna, definida como um ser supremo que devia ser cultuado através da oração do canto e da poesia, e a quem repugnavam os sacrifícios humanos. Acresce que este Quetzalcóatl era descrito como um homem de tez branca e longas barbas, que se esperava viesse viver um dia entre os homens, como reformador dos costumes”. (Ribeiro, 2007, p.108)

Talvez isso explique a passividade com que foram recebidos os conquistadores espanhóis no momento de sua chegada e também a alegria que alguns demonstravam ao observar a queda de Tenochtitlán. Claro que depois desse primeiro momento os astecas reagiram aos ataques, é nesse momento de entrega e submissão que o questionamento de Octavio Paz a respeito da atitude de Moctezuma ao abrir as portas da cidade para Cortés se faz pertinente.

“Quando Moctezuma abre as portas de Tenochtitlán aos espanhóis e recebe Cortés com presentes, os astecas perdem a partida. Sua luta final é um suicídio, e assim dão a entender todos os textos que temos sobre este acontecimento grandioso e sombrio. (...) Por que Moctezuma cede? Por que se sente estranhamente fascinado pelos espanhóis e experimenta diante deles uma vertigem que não é exagero chamar de sagrada – a vertigem lúcida do suicida diante do abismo? Os deuses o abandonaram. A grande traição que inicia a história do

México não é a dos tlaxcaltecas, nem a de Moctezuma e seu grupo, mas sim a dos deuses. Nenhum outro povo se sentiu tão totalmente desamparado quanto se sentiu a nação asteca em face dos avisos, das profecias e dos signos que anunciaram sua queda.” (Paz, 1984, p.86-87).

Os povos que foram dizimados e conquistados pelos espanhóis, sofreram diversos processos de aculturação e transformação devido ao encontro com o europeu. A partir desse encontro nações foram formadas e o México surge então como uma nação onde antes haviam vivido as populações astecas. A sua capital foi edificada sobre as ruínas de Tenochtitlán e hoje é uma das mais prodigiosas cidades do continente.

#### **1.1.3. Estados Unidos – A Guerra contra o México, o *Manifest Destiny* e a Guerra da Secesão.**

Para compreender o que ocorre na *fronteira* do México com os Estados Unidos, é importante saber que se trata de um local historicamente conflituoso, devido a Guerra Mexicano-Americana que ocorreu entre os Estados Unidos da América e o México, entre 1846 e 1848. Uma guerra que foi desencadeada pela anexação do Texas – anteriormente parte do México – pelos Estados Unidos. O México não reconheceu a anexação e reivindicou a região, alegando que o Texas era um Estado rebelde. Ao final da guerra, o México foi obrigado a ceder grandes regiões do norte do país para os Estados Unidos. Estas regiões compreendem os atuais Estados americanos da Califórnia, Nevada, Texas e Utah, o Novo México e áreas dos Estados do Arizona, Colorado e Wyoming.<sup>10</sup> Os mexicanos consideraram esse conflito como um conflito entre oligarquias que não beneficiaram o povo em nada. Os mexicanos residentes naqueles territórios não tiveram direito à cidadania americana. Em acréscimo às debilidades mexicanas, o México, saído da colonização espanhola, nunca funcionou como uma entidade única, “*um país constituído por povos de origens étnicas completamente diferentes e até mesmo antagônicas*”.<sup>11</sup> Para os mexicanos essa perda ainda hoje é uma ferida aberta, e principalmente para os habitantes da região próxima à fronteira, que trazem em si traços de identidades diversos.

---

<sup>10</sup> Para mais detalhes sobre a Guerra do México e Estados Unidos ver: Vicentino, Cláudio. História Geral, 1997.

<sup>11</sup> Fonte: BLOG ÁREA MILITAR: <http://www.areamilitar.net/HISTbcr.aspx?N=47> acesso em 13/08/2009

O fator que levou o povo anglo-americano para a “*conquista do Oeste*”, que culminou na guerra entre os dois países e na dominação cultural e racial imposta pelos anglo-americanos sobre os povos nativos, tem sua base no *Manifest Destiny*. O *Manifest Destiny* no século XIX se referia à conquista do território norte-americano em direção ao oeste para que o país pudesse alcançar o Oceano Pacífico, dessa forma se realizaria a crença na idéia de ser o “povo escolhido por Deus”, idéia que deveria ser disseminada por todo o continente americano e além. A influência das idéias puritanas nos anglo-americanos que se consideram um povo escolhido por Deus, e a “missão” salvacionista norte-americana culminou por cunhar o termo *American Dream*.

“A missão civilizadora em direção ao Oeste se explica pelo fato de que muitos anglo-americanos acreditavam ser destinados por Deus a possuir, ocupar e cultivar toda a terra do Este ao Oeste e para o além.” (Walter, 1998, p.213).

Da mesma forma que a guerra entre México e Estados Unidos é importante para a compreensão da situação dos mexicanos nos Estados Unidos, a Guerra Civil Americana que ocorreu entre 1861 e 1865 – também conhecida como A Guerra da Secesão – e foi decisiva para os afro-americanos devido à abolição da escravatura. Onze estados escravistas do *Sul* declararam a sua separação dos Estados Unidos e formaram a Confederação dos Estados da América (os Confederados); liderados por Jefferson Davis lutaram contra os Estados Unidos (a União) que era apoiada por todos os Estados livres e cinco “*border states*” escravistas – Delaware, Kentucky, Missouri e West Virginia. Os Estados da União ficaram conhecidos como o *Norte* – estes Estados eram constituídos na sua maioria por pequenas propriedades que funcionavam com a agricultura de subsistência familiar e sem a utilização da mão-de-obra escrava. No *Norte* a expansão industrial também se encontrava em desenvolvimento<sup>12</sup>. Ocorreu que durante a eleição presidencial de 1860, o Partido Republicano liderado por Abraham Lincoln fez sua campanha contra a expansão da escravidão para além dos estados onde ela já existia. Devido à vitória dos Republicanos sete estados do *Sul* declararam sua separação do *Norte* mesmo antes de Lincoln tomar posse. A legalidade dessa separação foi rejeitada e considerada uma rebelião e assim deu-se início à Guerra Civil entre os Estados do *Sul* e os do *Norte*. Com o final da Guerra e a derrota do *Sul* escravista, a

---

<sup>12</sup> Idem

abolição dos escravos nos Estados Unidos foi inevitável. Os problemas sociais, políticos, econômicos e raciais decorrentes dessa guerra, trouxeram inúmeras mudanças que posteriormente ajudariam a tornar o país uma superpotência, embora os afro-descendentes, apesar de haver conquistado a liberdade, continuariam a ser discriminados.

#### 1.1.4. A Fronteira entre o México os Estados Unidos, *Aztlán* e o *American Dream*

Devido ao fato do México ser um país fronteiriço com os Estados Unidos, milhares de mexicanos atualmente atravessam a fronteira que “une e separa” os dois países em busca do *American Dream*, um sonho utópico<sup>13</sup> por melhores condições de vida. Podemos questionar se esses indivíduos não estariam tentando resgatar uma terra à qual eles acreditam ter direito por haver pertencido a seus ancestrais?

Viver na fronteira pode significar transgredir quaisquer definições rígidas, sejam elas de gênero, sexo, raça ou etnia. A fronteira é definida em alguns dicionários como: zona de um país que confina com outra do país vizinho; limite ou linha divisória entre dois países, dois Estados etc.<sup>14</sup>, mas além dos significados dos dicionários a fronteira ao contrário de funcionar como divisão atua como significação da ligação entre povos, e não como separação geográfica, cultural e etnoracial. A região ao redor da fronteira entre o México e os Estados Unidos tem sido uma área de crescimento e desenvolvimento dinâmico durante os últimos cinqüenta anos. Nessa região onde os dois países dividem uma herança comum, línguas e culturas se encontram e se misturam. A respeito dessa divisão e da perda de parte de seu território para os Estados Unidos, Octavio Paz demonstra o sentimento de perda e impotência dos mexicanos, é o lamento de um povo que se culpa por suas perdas:

---

<sup>13</sup> A palavra Utopia (literalmente o *não lugar, o lugar de nenhum lugar*) foi cunhada por Tomas Morus, humanista e jurista inglês, que inspirado pelas grandes descobertas feitas pelos navegadores durante o século XVI, editou em 1516 uma obra, primeiramente em latim, com o título: *De optimo reipublicae statu decque nova insula Utopia*. Inspirados por Morus muitos escritores e filósofos pensaram em muitos modelos sociais ideais sendo por isso, chamados de utopistas. Os projetos utópicos buscam a felicidade plena dos indivíduos que vivem em sociedades imaginárias. Toda a sociedade utópica é uma reconstrução uma reorganização do mundo real, um projeto social.

<sup>14</sup> Fonte: Michaellis Dicionário da Língua Portuguesa. Ed. Nova Fronteira, 1986.

“Nós (...) chegamos atrasados em todos os lugares, nascemos quando já era tarde na história, também não temos um passado ou, se o temos, cuspimos sobre os seus restos, nossos povos ficaram dormindo durante um século, e enquanto dormiam foram roubados – agora estão em farrapos; não conseguimos sequer o que os espanhóis deixaram ao ir embora (...).” (Paz, 1984, p.197).

O inconformismo com relação a essa perda pode ser entendido como uma nova busca pelo *Eldorado*. A América que por muito tempo foi vista como o novo Éden para os colonizadores, acaba por se tornar um sonho para os mexicanos que se dirigem para o norte. Para muitos o direito às terras que um dia pertenceram ao seu povo pode se tornar realidade através de um *movimento* originado pelos “*Chicanos*” (denominação dada aos descendentes de mexicanos que vivem nos Estados Unidos) – “*El Plan Espiritual de Aztlán*” – um manifesto que defende o nacionalismo *chicano*. Esse movimento foi lançado durante a *First National Chicano Liberation Youth Conference*, em março de 1969 organizada pela *Cruzada de Justiça* de Rodolfo Gonzales<sup>15</sup> em Denver, Colorado. O “*Movimento Chicano*” foi um dos muitos movimentos ocorridos entre as décadas de 1960 e 1970 em prol dos direitos de minorias étnicas – ainda é importante salientar que na mesma década também ocorreram os movimentos em favor dos negros.

Na área que foi “comprada” do México após a Guerra, os mexicanos nascidos nos Estados Unidos sofreram descriminação e segregação, desse modo, a idéia de um programa contra a segregação racial e a favor da igualdade de direitos obteve uma repercussão especial entre os jovens ativistas *chicanos*. A reconfiguração da idéia mítica de *Aztlán* teve um papel importante nesse movimento e *El Plan Espiritual de Aztlán* foi uma extensão a essa idéia.

Grosso modo *Aztlán* seria uma lendária terra ancestral dos povos Nahua: *Aztec* então seria a palavra *Nahuatl* para o “povo de *Aztlán*”<sup>16</sup>. Diz a lenda que os astecas, ou

---

<sup>15</sup> Rodolfo González foi um boxeador, poeta e ativista político “*Mexican American*” que em março de 1969 reuniu a juventude *Chicana* em uma conferência que contou com a participação de muitos futuros ativistas e artistas *Chicanos*. É considerado muitas vezes como um dos fundadores do Movimento Chicano. Para mais informações sobre o assunto, ver: Acuña (1972), Alarcón (1992), Anzaldúa (1987), Leal (1981) e Montoya (1986).

<sup>16</sup> Para mais informações sobre *Aztlán* ver: Andrews (2003:496–616) e Kunstler (2005:275–279).

*Mexicas*, ancestrais dos mexicanos, eram originários de uma região ao norte da Mesoamérica de localização incerta: *Aztlán*. A representação de *Aztlán* é importante para o pensamento social e intelectual do mexicano e seus descendentes que vivem nos Estados Unidos. O sentimento de uma dupla significação ressoa em “*El Plan Espiritual de Aztlán*”:

“Brotherhood unites us and love for our brothers makes us a people whose time has come and who struggle against the foreigner ‘Gabacho’, who exploits our riches and destroys our culture. With our heart in our hands and our hands in the soil, We Declare the Independence of our Mestizo Nation. We are a Bronze People with a Bronze Culture. Before the world, before all of North America, before all our brothers in the Bronze Continent, We are a Nation, We are a union of free pueblos, We are Aztlán.”

[A irmandade e o amor por nossos irmãos nos une e nos torna um povo cujo tempo chegou um povo que luta contra o estrangeiro ‘Gabacho’, que explora nossas riquezas e destrói nossa cultura. Com nossos corações em nossas mãos e nossas mãos na terra, Nós Declaramos a Independência de nossa Nação *Mestiza*. Somos o Povo de Bronze com uma Cultura de Bronze. Antes do mundo, antes de toda a América do Norte, antes de todos os nossos irmãos na Cultura de Bronze. Somos uma Nação, Somos uma União de *Pueblos* livres, Somos Aztlán.]<sup>17</sup>.

Segundo Rafael Pérez-Torres “*dentro de um contexto Chicano, Aztlán como a terra natal asteca mítica tem servido como uma metáfora para a conexão e unidade. (...) Examinar a idéia de Aztlán nos ajuda a focar nas noções de ‘fronteira’ e suas múltiplas teorizações (...)*” (2000, p.103)<sup>18</sup>. Ainda para Pérez-Torres a idéia de *Aztlán* pode ser usada como um “ícone da consciência utópica” (2000, p.103). O que pode significar que para os habitantes e imigrantes da região da fronteira México - Estados Unidos, sejam eles *Mexicanos*, *Chicanos* ou *Mexican American*, o sonho de obter o

<sup>17</sup> Trecho retirado de Pérez-Torrez (2000, p.106), que faz referência ao “Plan espiritual de Aztlán” IN *Aztlán: An Anthology of Mexican American Literature*. Luis Valdez and Stan Steiner, Eds. New York: Knopf, 1973, p. 403. Tradução minha, grifos meus.

<sup>18</sup> As traduções de Pérez-Torres são da autora dessa dissertação.

direito de viver em uma terra que um dia pertenceu a seus antepassados, e obter condições de vida dignas e igualitárias pode se tornar realidade através da luta e da busca por sua legitimação e aceitação na sociedade estadunidense.

Essa *Aztlán* mítica ou o *Movimento* que busca os direitos legítimos dos antepassados mexicanos reforça a idéia da diáspora do povo mexicano desde as épocas ancestrais. Portanto, podemos inferir que a região da fronteira, foi no passado e ainda é no presente, uma região diaspórica, um lugar onde culturas e povos se cruzam e/ou entrelaçam e onde a problemática do *pertencimento* e do *não-pertencimento* faz-se presente. *Aztlán* para os chicanos representa o reconhecimento de seu direito legítimo sobre uma terra que foi violada e usurpada e onde os herdeiros “por direito” não são reconhecidos e tampouco aceitos como cidadãos.

A partir da metade do século XX, os esforços para atravessar a fronteira e ir ao encontro desse sonho foram tão intensos, e os obstáculos tão grandes, que na mente do imigrante, viver nos Estados Unidos tornou-se um sonho utópico. Eles não ignoram os maus tratos e a exclusão social à que serão submetidos, e sabem perfeitamente as perseguições e abusos que sofrerão, mas para o imigrante mexicano, chegar aos Estados Unidos representa mais que uma realização, talvez seja a busca por sua identidade perdida, deixada lá atrás juntamente com seus ancestrais, identidade que foi transformada, transfigurada, modificada inúmeras vezes. Octavio Paz demonstra como essa “ferida aberta” faz parte da transculturação do povo mexicano.

“(...) Em nosso território, convivem não só raças e línguas diferentes, mas também vários níveis históricos. (...) As épocas ancestrais não desaparecem nunca e todas as feridas, mesmo as mais antigas, ainda minam sangue. Às vezes, como as pirâmides pré-cortesianas que quase sempre escondem outras, numa única cidade ou numa única alma misturam-se e superpõem-se noções e sensibilidades inimigas ou distantes” (Paz, 1984, p.15).

O *American Dream* utópico e idealizado acaba por se tornar o “*pesadelo*” de muitos mexicanos que tentam cruzar a fronteira. Essa busca pelo *sonho americano* e por uma vida melhor que resulta, na verdade, em descriminação e humilhação é uma ferramenta importante para o desenvolvimento capitalista dos Estados Unidos onde seus habitantes não se submetem às tarefas ditas “inferiores” e mal remuneradas. Guillermo Gómez-Peña, escritor e artista performático que atua na fronteira do México com os

Estados Unidos ilustra a dor e o sofrimento da experiência dos imigrantes e dessa busca pelo *American Dream*, em seu trabalho *Border Brujo*:

“I came following your dream & your dream became my nightmare once here, I dreamt a map without borders where the Latin American archipelago reached all the way (...) & when I dream like this you suffer, my dream becomes your nightmare...” (Gomes-Peña, 1993, p.77).

[Eu vim seguindo o seu sonho, e seu sonho virou meu pesadelo quando cheguei aqui, Eu sonhei com um mapa sem fronteiras onde o arquipélago da América Latina alcançava todos os caminhos (...) & quando eu sonho com isso você sofre, e meu sonho se torna o seu pesadelo...]<sup>19</sup>

Afinal como surgiu o termo *American Dream*? Essa expressão foi utilizada pela primeira vez por James T. Adams em seu livro *The Epic of America* que foi escrito em 1931. O *American Dream* é descrito como o sonho de uma terra na qual a vida deveria ser melhor, mais rica e completa para todos, com oportunidades iguais para todos de acordo com as habilidades e o desenvolvimento pessoal de cada um.

“Não é apenas um sonho com carros de luxo e bons salários, mas um sonho de ordem social no qual cada homem e mulher poderá realizar aquilo que é naturalmente capaz de fazer e será reconhecido pelos outros pelo que são independentemente das circunstâncias de nascimento ou posição.” (Adams, 1940, p.214-215).

O *American Dream* pode ser descrito como uma crença na liberdade que permite a todos os cidadãos e residentes dos Estados Unidos a atingir seus objetivos na vida através do trabalho, não sobre uma estrutura de classe rígida, embora o sentido da expressão tenha mudado durante a história da América. Para alguns é a oportunidade de alcançar mais prosperidade do que teriam em seus países de origem; para outros, é a oportunidade para seus filhos crescerem com melhores oportunidades de educação e consequentemente melhores oportunidades profissionais; ou para outros ainda, é a oportunidade de ser um indivíduo sem as restrições impostas pela classe, raça, gênero e etnia.

---

<sup>19</sup> Tradução da autora desse trabalho.

Quando falamos na diáspora (in) voluntária do mexicano para os Estados Unidos queremos demonstrar que ele se sente impulsionado a cruzar a fronteira em busca desse “padrão de vida”, e que como veremos através da memória e das experiências dos personagens do romance *The Tortilla Curtain*, seu retorno ou sua permanência no México lhes parece impossível devido às péssimas condições de vida que tinham em suas pequenas cidades no interior do país.

A partir das idéias e elucidações apresentadas até esse momento, com relação aos povos que serão representados nos romances, seguiremos com as análises dos livros *Beloved* e *The Tortilla Curtain*, observando os aspectos relacionados à diáspora, memória e transculturação. Não devemos, porém nos esquecer que se tratam de duas obras literárias e que apresentam diversos aspectos e características importantes que serão mostrados e analisados no decorrer desse estudo.

## CAPÍTULO II

*BELoved (AMADA): Diáspora, memória e transculturação.*

*The night is beautiful,  
So the faces of my people.  
The stars are beautiful,  
So the eyes of my people  
Beautiful, also, is the sun.  
Beautiful, also, are the souls of my people.*

*Langston Hughes - My People*

*I Have but four, the treasures of my soul,  
They lay like doves around my heart;  
I tremble lest some cruel hand  
Should tear my household wreaths apart.*

*Frances E. W. Harper - The Slave Mother – A Tale of Ohio.*

“(...) nas menores como nas maiores felicidades é sempre o mesmo aquilo que faz da felicidade felicidade: o poder esquecer (...) Quem não se instala no limiar do instante, esquecendo todos os passados, quem não é capaz de manter-se sobre um ponto como uma deusa de vitória, sem vertigem e medo, nunca saberá o que é felicidade e, pior ainda, nunca fará algo que torne os outros felizes.”

*Friedrich Nietzsche*

“Esta não é uma história para passar adiante.” - *Toni Morrison - Amada.*

## 2. *Beloved*(Amada): Diáspora Memória e Transculturação

“Seu amor é grosso demais” diz Paul D para Sethe e ela responde: “Grosso demais? Amor é ou não é. Amor ralo não é amor.” (Morrison, 2007, p.223). É a partir desse diálogo de Paul D com Sethe, personagens de *Beloved*, que inicio minha análise desse romance. Qual é a forma de amor ideal? Existe uma forma específica de amar? A quem é dado o direito de amar? Existe alguma diferença entre o amor da mãe branca ou o da mãe negra? Esses questionamentos são levantados através da história de Sethe, personagem do romance de Toni Morrison, que mata sua filha “por amor” para que ela não seja levada pelo senhor branco de volta à condição de escrava. Preferívelvê-la morta a ser tirada de seus braços, uma criança que ainda não tinha nome e estava “já engatinhando?”. “Para um bebê ela tem bastante força”, disse Denver. ‘Não mais do que a força do meu amor por ela’, Sethe respondeu (...).” (2007, p.19).

Toni Morrison em *Beloved* problematiza a situação dos escravos e de seus descendentes, via memória, nos Estados Unidos no século XIX. As feridas da escravidão recém abolida ainda não estavam completamente cicatrizadas, suas marcas eram evidentes como a “árvore” que Sethe trazia nas costas – marcas do açoitamento a que foi submetida quando ainda era escrava na fazenda em que trabalhava e morava e que ironicamente era chamada de “Doce Lar”. No prefácio de seu livro Morrison explica a escolha do tema,

“Entra em cena Amada. (...) o que poderia significar ser “livre” para as mulheres. Nos anos 80, esse debate ainda estava em curso (...). Casar ou não. Ter filhos ou não. (...), essas idéias me levaram à história diferente das mulheres negras neste país – uma história na qual o casamento era desestimulado, impossível ou ilegal; em que era exigido ter filhos, mas “ter” os filhos, ser responsável por eles (...) ser mãe deles – era tão fora de questão, quanto à liberdade. (...) Um recorte de jornal do The Black Book [O Livro Negro] resumia a história de Margareth Garner, uma jovem que, depois de escapar da escravidão, foi presa por matar um de seus filhos (e tentar matar os

outros), para impedir que fossem devolvidos à plantação do senhor. Ela se transformou numa *cause célèbre* da luta contra as leis dos Escravos Fugitivos, que determinava que os que escapavam fossem devolvidos a seus donos. O equilíbrio e a ausência de arrependimento dela chamaram a atenção dos abolicionistas, assim como dos jornais. Ela era, sem dúvida, determinada e, a julgar por seus comentários, tinha a inteligência, a ferocidade e a vontade de arriscar tudo por aquilo que, para ela, era a necessidade de liberdade.” (Morrison, 2007, p.11).

O romance conta a história de Sethe uma ex-escrava. Enquanto escrava, Sethe vivia numa propriedade chamada Doce Lar juntamente com seu marido Halle e seus três filhos. Nessa mesma propriedade viviam outros cinco escravos entre eles Paul D e sua sogra Baby Suggs. Quando o antigo dono da propriedade morre sua viúva chama um parente próximo e seus sobrinhos para ajudá-la na administração. Esse homem é conhecido pelos escravos como *Professor*, o típico homem branco racista que não reconhece os negros como seres humanos. Os escravos planejam uma fuga, mas somente Sethe é bem sucedida nessa empreitada. Grávida ela manda seus três filhos: dois meninos – Howard e Buglar – e um bebê que ainda não tinha nome - uma menina “engatinhando” - na frente para se encontrarem com a avó Baby Suggs, cuja liberdade fora comprada por seu filho Halle com trabalho árduo aos domingos por cinco anos. Durante a fuga Sethe dá à luz Denver, uma menina, com a ajuda de uma mulher branca chamada Amy Denver. Ao atravessar o Rio Ohio com a ajuda de Selo Pago – um negro ex-escravo – e chegar a casa onde residia sua sogra - ajudada desta vez por Ella (uma negra também ex-escrava) – Sethe reencontra seus filhos e consegue fazer o que sonhou desde que mandou as crianças na frente: dar o leite de seu peito para sua filhinha que ainda *estava engatinhando*. Sethe passa vinte e oito dias completamente felizes ao lado de seus quatro filhos, até que o Professor chega à casa da Rua Bluestone 124 onde ela estava vivendo para recapturar Sethe e seus filhos. Desesperada Sethe mata sua terceira filha (a bebê que estava *ainda engatinhando*) cortando seu pescoço com uma serra e em seguida tenta matar os outros três, mas é impedida pela sogra e por Selo Pago. Sethe então é presa e cumpre sua pena. Durante o funeral de sua filha, ela ouve o pastor dizer: Dearly Beloved (Bem Amada), decidida a homenagear a filha, a mãe paga com “dez minutos de sexo” ao entalhador de lápides, para ele esculpir o nome BELOVED (Amada) na lápide do túmulo de sua filhinha morta. A narrativa tem início dezoito anos depois do ocorrido com a presença do bebê morto assombrando a casa e com a chegada

de Paul D à Rua Bluestone 124, o bebê deixa de assombrar a casa e retorna na forma de uma jovem que irá trazer à tona nas memórias de Sethe, Paul D e Denver, um tempo que todos desejariam esquecer, mas que retorna como um turbilhão na memória de cada um dos personagens.

Ao analisar a elaboração narrativa da obra observamos que a autora utiliza em sua maior parte o narrador na terceira pessoa. A narração na terceira pessoa permanece quase que constantemente no romance, mas a perspectiva pela qual a história é contada varia com o decorrer da trama sem pontos fixos de tempo e espaço. Não se trata de uma narrativa linear, que tem início e fim. Trata-se de uma história que abrange diferentes níveis do passado, que sugere a memória a partir do início da escravidão até as recordações da Doce Lar e o retorno ao presente. Muitas vezes o passado é contado por meio de *flashes* de memória, juntamente com a coexistência de diferentes vozes, compostas por fragmentos de memória, outras vezes é narrado como histórias - e em outros momentos o passado é descrito como se estivesse ocorrendo no presente.

Esses fragmentos de memória surgem através de histórias vivenciadas em conjunto ou recontadas algum tempo depois, como um quebra cabeças que o leitor vai montando. Essas histórias não tomam forma na linguagem de maneira direta e cronológica, ela é circular e ao mesmo tempo começa e termina em diferentes pontos, a justaposição do passado com o presente serve para reforçar a idéia de que o passado está vivo no presente através desses fragmentos. Morrison nos mostra a história como um todo complexo que deve ser examinado. Ao forçar o leitor a juntar as peças, Morrison também nos leva a pensar sobre cada um desses fragmentos e considerar a sua importância. A estrutura da obra é composta através de uma perspectiva dinâmica. A força da narrativa de Morrison através dos fragmentos do passado demonstra essa não linearidade em sua obra. Num momento Sethe está “*copulando com o entalhador de lápides*” no outro está com “*o sangue do bebê morto nas mãos*” (Morrison, 2007, p.19). A autora demonstra no decorrer da narrativa a ausência de arrependimento na construção da personagem que acredita que seu ato não foi criminoso, mas um ato de amor: “*Mas o que ela havia conseguido, que escolhera, era a única palavra que importava*” (2007, p.19). Percebe-se que Sethe não se arrepende do que fez, ela apenas se “recorda” dos momentos que se sucederam após a morte de sua filha, e ainda demonstra certo descaso com relação aos sentimentos de Amada, a vítima de um amor materno que não lhe permitiu as possibilidades do futuro:

“Aquilo com certeza devia bastar. Bastar para responder a mais um pregador, a mais um abolicionista e a uma cidade cheia de aversão. Contando com a quietude de sua própria alma, ela esquecera a outra: a alma de sua filha bebê. Quem haveria de dizer que um velho bebezinho pudesse abrigar tanta raiva?” (Morrison, 2007, p.20).

Todos os personagens, até mesmo os mortos, contam partes da história. A diversidade de perspectivas e de pontos de vista cria uma rede de interação que une os personagens através do passado e do presente, essa não linearidade é traduzida em *Beloved* na construção da memória dos negros. Morrison utiliza diferentes formas narrativas como o fluxo de consciência e o verso; acreditamos que uma narrativa rígida e direta não seria suficiente para capturar os sentimentos de seus personagens. Utilizando-se dessas ferramentas a autora problematiza a questão da memória e do trauma na comunidade afro-descentente. Homi Bhabha faz a seguinte observação a respeito da construção desse passado em *Beloved*:

“Beloved (Amada), de Toni Morrison, revive o passado da escravidão e seus rituais assassinos de possessão e auto possessão a fim de projetar a fábula contemporânea da história de uma mulher, que é ao mesmo tempo a narrativa de uma memória afetiva, histórica de uma esfera pública emergente, tanto de homens como de mulheres.” (Bhabha, 2007, p.25).

Para exemplificar essa forma de narrativa não linear, onde a memória se faz presente, podemos destacar o nascimento de Denver – a filha mais nova de Sethe – que nasce durante sua fuga da Doce Lar e é ajudada por uma mulher branca. Nesse momento a narrativa toma contornos de oralidade devido ao fato ser descrito muitas vezes e narrado através de perspectivas distintas. A menina gosta dessa história que fala de seu passado junto com o de sua mãe, então ela reconstitui essa lembrança; depois Sethe conta para Paul D como se deu o nascimento de sua filha durante sua fuga acrescentando informações novas; Denver, por sua vez conta para Beloved o acontecido acrescentando muitos detalhes; e ainda há a versão do narrador. A respeito disso Pérez-Torres escreve em seu artigo “*Knitting and Knotting the narrative Thread – Beloved as Postmodern Novel*”, o seguinte sobre a oralidade e a repetição nas formas de narrativas relacionadas ao nascimento de Denver:

“Cada narrativa, cada versão do nascimento de Denver, compartilha frases e imagens similares: as cebolas silvestres onde Sethe cai; as costas cheias de sangue da escrava fugitiva, os pés inchados, o nascimento no rio. Nenhuma narrativa tem prioridade absoluta sobre a outra. Cada uma, ao contrário acrescenta informações durante a narrativa. Essas *repetições* e variações criam um sentido como se a história estivesse sempre presente e quem escuta esteja ouvindo novamente uma história que já lhe é familiar. Sobre essa consideração, a estratégia sugere a qualidade *da oralidade*. A *repetição* e a variação também sugerem que não há uma visão autoritária pela qual julgar o nascimento de Denver. Não obstante o desejo potencial da parte de um leitor disposto a visualizar os elementos *da oralidade* em Beloved como um discurso privilegiado, sua presença dentro da narrativa serve incessantemente para romper a autoridade.” (Pérez-Torres, 1997, p.107)<sup>20</sup>.

Essas características do discurso oral estão presentes por toda a obra: umas vezes nas falas dos personagens, outras na oralidade das histórias repetidas. Os fatos são contados e recontados pelos personagens, são revividos pelos personagens via memória. Na realidade são fatos que os personagens desejam *esquecer*, mas isso lhes é impossível. Os acontecimentos do passado voltam no presente às vezes gradativamente outras tantas com a força destruidora de um *tsunami*. Os eventos na maioria das vezes não são narrados durante o seu acontecimento, mas lembrados e relembrados o tempo todo pelos personagens que dessa forma vão construindo a história. Cada um dando sua contribuição através de suas recordações proporcionando ao leitor diversas perspectivas da mesma história.

Muitas recordações e relatos dos acontecimentos passados ocorrem dentro da casa número 124 da *Rua Bluestone*, uma casa assombrada pelo fantasma do bebê morto. Cenário e personagem do romance a casa pode ser analisada como uma metáfora do navio negreiro – um lugar de estranhamento cheio de memórias de sofrimento de negros.

“Embora o “estranho” seja uma condição colonial e pós colonial paradigmática, tem uma ressonância que pode ser ouvida distintamente – ainda que de forma errática – em ficções que

---

<sup>20</sup> Tradução da autora dessa dissertação, grifos meus.

negociam os poderes da diferença cultural em uma gama de lugares trans-históricos. (...) casas murmurantes como o número 124 da Bluestone Road, ouviremos a linguagem indecifrável dos negros mortos e raivosos, a voz da *Amada* de *Toni Morrison*, ‘Os pensamentos das mulheres do 124, pensamentos impronunciáveis, não pronunciados.’” (Bhabha, 2007, p.30).

“*O 124 era rancoroso. Cheio de veneno de bebê.*” (Morrison, 2007, p.17). Assim como o navio negreiro, o *124 da Rua Bluestone* é um “sistema vivo”, carregado de recordações e desejo de esquecimento. Muito se discute sobre a relação numérica do 124. Podemos observar a falta do número 3 (a seqüência numérica seria 1, 2, 3, 4) o que poderia simbolizar a terceira filha de Sethe – Amada, que está morta. Contudo se somarmos os números 1+2+4 obteremos o número 7. É sabido que os números 3 e 7 possuem significados sagrados e esotéricos. Aldo de Lima em seu livro – *DANTE ALIGHIERI: conteúdos de um trajeto antropológico* – demonstra que na Divina Comédia essa relação sagrada dos números *três* e *sete* foi utilizada por Dante, a saber,

“A *Comédia* é um poema composto por três partes que são, pela ordem o *Inferno*, o *Purgatório* e o *Paraíso*. Cada uma dessas partes é formada por cantos, cabendo ao Inferno, trinta e quatro; ao *Purgatório*, trinta e três; ao *Paraíso*, trinta e três. O primeiro canto do *Inferno* é o prólogo; sendo assim, cada parte tem trinta e três cantos e o total, com o prólogo, forma cem cantos o que corresponde ao esoterismo numérico, de origem pitagórica, adotado parcialmente pelo Cristianismo, em torno dos números três e sete, integrando-se tudo numa cifra igual a dez, ou seu múltiplo, cem, que é o símbolo da perfeição” (Lima, 2007, p.17).

Em culturas africanas os *Dogons* - habitantes da República de Mali, que vivem na região central do Rio Niger na África Oriental – atribuem ao numero *sete* uma importância especial: “*Os Dogons associam o número três com o homem e o número quatro com a mulher; assim o número sete simboliza a perfeição*”<sup>21</sup>. Da mesma forma observamos que o Cristianismo também utiliza esse número como uma representação sagrada: “*E abençoou Deus o sétimo dia, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra, que Deus criara e fizera*” (*Gênesis: 2,3*);

<sup>21</sup> Fonte: Revista Galileu nº 103. [http://galileu.globo.com/edic/103/con\\_livro2.htm](http://galileu.globo.com/edic/103/con_livro2.htm) acesso em 15/12/2009.

O número *sete* é recorrente em *Beloved* – a começar pelo nome da personagem principal *Sethe* (pronuncia-se SETH-E). Em língua portuguesa ao ouvirmos lembramos imediatamente do número *sete*, já em inglês (idioma em que foi originalmente escrito o romance) *seven* é o correspondente ao número *sete* que em latim é *septem* e o nome *Sethe* se parece com todos em sua sonoridade. Ainda, na fazenda Doce Lar havia *sete* escravos; seis homens e uma mulher (*Sethe*).

Ao analisarmos os nomes desses escravos percebemos a significação que Morrison pretende dar a cada um deles: há quatro Pauls – Paul A, Paul C, Paul D, Paul F, - todos carregando o sobrenome do dono da fazenda: *Garner*. A esses personagens podemos sugerir que representam a perda da identidade de cada indivíduo que foi escravizado na América. Já *Halle* o filho de *Baby Suggs* – se destaca com um nome diferente, por haver trabalhado aos finais de semana para comprar a liberdade da mãe – *Seiso* (*Sixo*, em inglês) cujo nome lembra o número 6 e há a sétima escrava que carrega esse número em seu nome: *Sethe*. Seiso surge na narrativa como um escravo que reluta em aceitar a cultura a qual foi submetido, trata-se de um personagem que suscita análises mais aprofundadas por demonstrar sua resistência à cultura do europeu,

“(...) A (árvore) escolhida ele (*Paul D*) chamara de Irmão, e sentava embaixo dela, às vezes sozinho, às vezes com Halle e os outros Pauls, mas quase sempre com Seiso, que era delicado na época e *ainda falava inglês*. (...)” (Morrison, 2007, p.40, grifos meus).

Observemos mais atentamente *a casa* “personagem e cenário” da Bluestone Road 124. A casa está carregada de memórias e de esquecimentos, é um local de encontro e de estranhamento. A morte de uma criança negra nesta casa nos arredores de Cincinnati causa horror aos negros da comunidade. A casa representa um “*espaço intersticial*” (Walter, 2003, p.222) entre o presente e o passado. Para Roland Walter o lugar,

“(...) becomes a site of hybrid chronotopes, where the suppressed pain of the traumatic experiences of the past clashes with lived present and haunts the yearning for a new beginning.” (Walter, 2003, p.224).

[...] se torna um lugar de cronotopos<sup>22</sup> híbridos, onde a dor reprimida das experiências traumáticas do passado vai de encontro com o presente vivido e assombra o desejo por um novo começo] <sup>23</sup>

Localizada entre o Rio Ohio e um riacho que passa pelos fundos, a casa é o ponto de encontro das lembranças dos personagens, é para lá que Amada retorna reencarnada saída das águas do riacho. É também para lá que Paul D se dirige após *vagar* durante muitos anos depois de deixar a Doce Lar. É de lá que Denver sai em busca de ajuda, depois que percebe que Sethe está totalmente controlada por Amada.

Da mesma forma que os personagens, a casa sofre mudanças de humor: *O 124 era rancoroso*, (Morrison, 2007, p.17); *O 124 estava ruidoso*, (2007, p.227); *O 124 estava quieto*, (2007, p.317). A casa assombrada pelo espírito de Amada e depois habitada pela personagem reencarnada é o palco da ligação do passado com o presente e ao mesmo tempo a arena onde se dá a luta dos personagens através da memória em busca de sua redenção por meio do esquecimento. “*O 124 se fechou e teve que agüentar o veneno de seu fantasma*” (2007, p.127). O trauma e o estranhamento vivido pelos personagens é relembrado a todo o momento dentro do 124. Hommi Bhabha analisa esse estranhamento e trauma causado pelo assassinado da filha pela mãe no romance,

“O momento do estranho relaciona as ambivalências traumáticas de uma história pessoal, psíquica, às disjunções mais amplas da existência política. Beloved, a criança assassinada por Sethe, sua própria mãe, é uma repetição endemoniada, extemporânea, da violenta história das mortes das crianças negras durante a escravidão em muitas partes do Sul, menos de uma década depois que o número 124 da Bluestone Road tornou-se mal assombrado. (Entre 1882 e 1895, entre um terço e a metade da taxa de mortalidade negra anual compunha-se de crianças de menos de cinco anos de idade).” (Bhabha, 2007, p.32).

Bhabha demonstra que a morte de crianças durante e após a escravidão era uma realidade da mesma forma que Morrison se inspirou em um fato real para escrever o

<sup>22</sup> Bakhtin utilizou o termo *chronotope* (cronotopo) para designar a origem espaço-temporal que governa a condição base de todas as narrativas e outros atos linguísticos. O termo vem do grego χρόνος ("tempo") e τόπος ("espaço"), pode ser traduzido como "tempo-espaço". Para mais informações buscar em: BAKHTIN (1981).

<sup>23</sup> Tradução de responsabilidade da autora dessa dissertação.

romance. Ao nos aprofundarmos na cultura africana, especialmente na cultura Yorubá – de onde vieram muitos dos escravos africanos para as Américas em geral, inclusive para a América do Norte, que é o local onde esse estudo dissertativo se concentra, poderemos observar que às crianças que morrem antes de seus pais os Yorubás dão o nome de Àbikú, acredita-se que:

“São crianças que terão passagem curta pela terra, ou seja, não viverão por muitos anos. A tradução literal é “nascida para morrer” (a bi ku) ou “o parimos e ele morreu” (a bi o ku), designando crianças ou jovens que morrem antes de seus pais”.<sup>24</sup>

Para Carole Boyce Davies “*o conceito de Àbikú fornece outra estratégia para a leitura de Beloved*” (1994, p.139)<sup>25</sup>. Na narrativa de Morrison podemos verificar um traço da transculturação ao considerarmos Amada como uma criança Àbikú, isto é, Morrison não cita esse mito da cultura africana, mas ao pesquisarmos os mitos Yorubá, observamos que a ocorrência de Àbikú numa mãe, invariavelmente repete uma história familiar que podemos reconhecer procurando os seus antecedentes. Ou seja, podemos procurar nos antecedentes familiares da mãe para constatar que este Àbikú vem se fazendo presente na família, geração após geração, em linha direta ou não<sup>26</sup>. Em Beloved essa ocorrência existe uma vez que a mãe de Sethe também mata seus filhos na travessia do Oceano Atlântico,

“(...) Contou a Sethe que sua mãe e Nan tinham vindo juntas pelo mar. Ambas foram usadas muitas vezes pela tripulação. ‘Ela jogou todos fora, menos você. O da tripulação ela jogou fora na ilha. Os outros de outros brancos, ela também jogou fora. Sem nomes, ela jogou eles. Você ela chamou com o nome do negro. Ele ela abraçou. Os outros ela

---

<sup>24</sup> Fontes: <http://biblioafrogriot.blogspot.com/2009/11/sikiru-salami-king-cantico-dos-orixas.html>

[http://www.lendas.orixas.nom.br/artigos\\_jose\\_ribas.htm](http://www.lendas.orixas.nom.br/artigos_jose_ribas.htm)

<http://ocandomble.wordpress.com/2008/05/17/abiku/> - Acesso em 15/12/2009.

<sup>25</sup> Tradução de responsabilidade da autora dessa dissertação.

<sup>26</sup> Sobre Àbikú ver RONILDA IYAKEMI RIBEIRO (1996, p.241 -250)

não abraçou. Nunca. Nunca. Estou lhe dizendo. Estou lhe contando. Sethe, menininha.”” (Morrison, 2007, p.94).

No romance de Morrison pode-se fazer uma leitura ligando o fato das crianças *Àbikú* aos acontecimentos narrados como uma característica *transcultural* – o mito estaria presente no inconsciente dos personagens. O trauma causado pela escravidão dos africanos e a aculturação a que os escravos foram submetidos são demonstrados nesses trechos da narrativa. Observamos ainda o fenômeno da transculturação no aprendizado do inglês como já foi demonstrado anteriormente através de Seiso (*citação p.43*), e agora no exemplo de Sethe que não se lembra mais do idioma falado por sua mãe,

“(...) O que Nan lhe contou ela esqueceu, junto com a língua em que foi contado. A mesma língua que sua mãe falava e que nunca relembraria. Mas a mensagem estava ali e sempre estivera. Segurando os lençóis molhados contra o peito, estava captando significados de um código que não entendia mais.” (Morrison, 2007, p.94).

A problemática da diáspora prevalece na narrativa de Morrison. A fuga de Sethe da Doce Lar e sua travessia pelo Rio Ohio é uma representação diaspórica. A presença recorrente da água em *Beloved* demonstra a sua importância para os estudos da diáspora africana. As águas do rio simbolizam, no romance, a divisão entre a liberdade e a escravidão: “Assim que Sethe chegou perto do rio, sua própria bolsa de água vazou para se juntar a ele” (Morrison, 2007, p.20). No momento em que Sethe chega às margens do rio ela dá início ao seu trabalho de parto e com a ajuda da “mulher branca”, Amy Denver, Sethe rasteja até um pequeno barco onde é “batizada” pelas águas do Rio Ohio uma vez que seu corpo fica submerso no barco inundado: “(...) a água do rio, entrando por todos os buracos que escolhia, estava se espalhando pelo quadril de Sethe” (2007, p.120). Assim como o nascimento de Denver sinaliza um novo começo para Sethe, uma vida livre do outro lado do rio, a água simboliza um espaço sagrado que lava e renova: depois de Amy Denver “lavar as mãos e o rosto no rio” (2007, p.122), Sethe ainda bebe a “água sagrada”: “Ela implorou água e ele [Selo Pago] lhe deu um pouco do Ohio numa caneca”(2007, p.129).

Diferente do Rio Ohio, o Oceano Atlântico não significa um lugar de liberdade e sim emerge como um local ancestral sagrado, como um “*cemitério*” para os negros que morreram durante sua travessia. Amy Denver enfatiza simbolicamente a relação de

Sethe com a escravidão quando a compara com um homem afogado: "*Bom, eu estava pescando lá e veio um negro boiando perto de mim. Eu não gosto de gente afogada, você gosta? Seu pé me lembrou dele. Todo inchado assim*" (2007, p.59). As palavras de Amy Denver guardam um significado profundo, pois reforçam a água como o lugar do enterro daqueles indivíduos que morreram durante a travessia. De forma semelhante, Sethe em seu solilóquio sobre Amada conclui: "(...) *agora eu posso. Eu posso dormir como os afogados, que benção*". (2007, p. 274).

O movimento da memória no romance onde os fatos são contados e recontados pelos personagens, cada lembrança a partir do ponto de vista de quem está re-lembrando retoma o movimento do mar que vai e volta, sobe e desce de acordo com as marés. Esse fluxo de memória na diáspora – esse movimento – pode ser metaforicamente comparado ao movimento do navio negreiro sobre o Oceano Atlântico. Esse movimento de ida e vinda, que é característico das águas é o movimento que Morrison utiliza através da memória em todo o romance.

Amada, representando a personificação da história afro-americana simboliza não somente Sethe e seu passado trágico, mas também o horror coletivo da escravidão, para Roland Walter, Amada seria o “*inconsciente coletivo da diáspora negra*” (Walter, 2009, p.249). Ela representa tanto o afro-americano escravo como o africano acorrentado no navio negreiro. Morrison evoca a presença das águas através de fluidos e líquidos que são derramados nas páginas de *Beloved*: o líquido amniótico, a incontinência urinária, o leite, e o sangue; bem como as águas propriamente ditas: a chuva, o oceano, os rios e o riacho.

Como já foi dito anteriormente a diáspora sempre carrega consigo alguma forma de intolerância e opressão. O negro diaspórico sofreu com essa intolerância em graus tão elevados que isso feriu irremediavelmente sua condição humana. A loucura é mostrada no romance como o resultado desse sofrimento.

“(...) Durante, antes e depois da Guerra [*Paul D*] tinha visto negros tão tontos, ou esfaimados, ou cansados, ou desolados que era surpreendente eles lembrarem ou dizerem qualquer coisa. Gente que, como ele, tinha se escondido em cavernas e disputado comida com corujas; que como ele roubava de porcos; que como ele, dormira em árvores de dia e caminhara de noite; (...) Uma vez encontrou um negro (...) que morava sozinho no bosque e dizia que não conseguia lembrar de nenhum outro lugar. Viu uma negra maluca presa e enforcada por

roubar patos que acreditava serem seus bebês” (Morrison, 2007, p. 98-99).

A estagnação ou o sedentarismo contribui sobremaneira para a loucura e consequentemente o sofrimento por isso Paul D representa essa necessidade de mobilidade. É preciso estar sempre em movimento para não pensar, para não lembrar:

“Circular. Andar. Correr. Se esconder. Roubar e continuar. Apenas uma vez foi possível para ele ficar num lugar só – com uma mulher ou uma família – durante não mais que uns poucos meses.” (Morrison, 2007, p.99).

A chegada de Paul D e o retorno de Amada ao 124 da Rua Bluestone desencadeiam a “*rememória*” dos personagens. Sethe explica para Denver o que para ela significa a “*rememória*”,

“Eu pensava que era minha *rememória*. Sabe. Algumas coisas você esquece. Outras você não esquece nunca. Lugares ainda estão lá’. Se a casa pega fogo, desaparece, mas o ligar – a imagem dela – fica, e não só na minha *rememória*, mas lá fora, no mundo. Quer dizer, mesmo que eu não pense, mesmo que eu morra, a imagem do que eu fiz, ou do que eu sabia , ou vi, ainda fica lá. Bem no lugar onde a coisa aconteceu.” (Morrison, 2007, p.60, grifos meus)

O romance respira e transpira memória. Amada volta ao convívio de Sethe e Denver para relembrar tudo o que Sethe deseja esquecer “(...) para Sethe, o futuro era uma questão de manter o passado a distância”. (2007, p.69), e tudo o que Denver precisa saber para encontrar sua própria identidade. O encadeamento de lembranças de Sethe e sua ânsia pelo esquecimento são descritos pela personagem em um momento em que ela demonstra seu desejo de esquecer tudo o que passou, mas seu cérebro se recusa,

“(...) Por que não havia nada que seu cérebro recusasse? Nenhuma miséria, nenhuma tristeza, nenhuma imagem odiosa detestável demais de se aceitar? Igual a uma criança gananciosa, seu cérebro agarra tudo. Uma vez só não poderia dizer: não, obrigada? Detestei e não quero mais, não? Estou cheia, droga, de dois rapazes com musgo nos destes, um chupando meu peito, o outro me segurando, o professor

leitor de livros olhando e escrevendo. Ainda estou cheia disso, droga, não posso mais voltar atrás e juntar mais coisas.” (Morrison, 2007, p.104)

Entendemos como memória as representações seletivas de experiências reais ou imaginárias que nos ajudam a dar sentido à nossa existência enquanto sujeitos pertencentes a uma determinada sociedade e/ou grupo social. Em *Beloved*, memória é uma faculdade perigosa e debilitante da consciência humana. Sethe convive com a tirania imposta pela memória que a aprisiona. Sua obsessão por suas memórias é insaciável a ponto de desejar desesperadamente alguma coisa além de si mesma: sua filha Amada. Observamos que a personagem “necessita” da presença de Amada para exorcizar os fantasmas que habitam sua mente. Embora Amada se torne uma manifestação física dessas memórias, esse desejo e necessidade são definidos pela ligação com suas lembranças, experiências e emoções.

Morrison ainda procura mostrar a resistência dos escravos à cultura do *outro* através de Seiso – um personagem que representa uma forte resistência à cultura norte-americana e deseja negar a influência dessa cultura sobre a *sua* através da resistência à língua inglesa. Ele se nega a falar inglês e procura manter abertas as “*linhas de sangue*” com seus antepassados através da dança,

“(...) Seiso ia para o meio das árvores durante a noite. Para dançar, ele dizia, para manter abertas suas linhas de sangue, dizia. Em particular, sozinho ele fazia isso. Nenhum dos outros o vira em ação, mas podiam imaginar (...). Mas isso foi antes de ele parar de falar inglês porque o inglês não tinha futuro.” (Morrison, 2007, p.46).

Sethe acredita que Seiso enlouquecera e dessa forma Morrison demonstra que a resistência à outra cultura seria um fator traumático que poderia levar o indivíduo à loucura. Fato importante a ser mencionado por tratar-se da transculturação dos povos transplantados para o Novo Mundo é o de Seiso ser o único personagem que se refere ao primeiro habitante das terras no Novo Mundo: o índio.

“(...) Uma estrutura de pedra deserta que os *peles-vermelhas* usavam na época em que *achavam que a terra era deles*. (...) Lá dentro, depois de sentir como era, pediu a *Presença Pele-Vermelha* se podia levar lá sua mulher. A resposta foi sim (...) Ele entrou no *abrigo pele-vermelha* deserto.” (Morrison, 2007 p. 45, grifos meus).

Outro aspecto representativo sobre a memória personificada por Amada surge quando as vozes de Sethe, Denver e Amada se fundem em três solilóquios, que para Roland Walter se tratam da “*confluência de vozes e consciências*” (Walter, 2009, p.158),

“Amada, ela minha filha. Ela minha. (...) ela veio para mim por sua livre vontade” (Morrison, 2007, p.268);

“Amada é minha irmã. Engoli o sangue dela junto com o leite de minha mãe.” (2007, p.275);

“Eu sou Amada e ela é minha (...) o rosto dela é meu e quero estar ali no lugar onde o rosto dela está (...)” (2007, p.282).

Essa memória em forma de mulher se apresenta a Paul D em determinado momento do romance quando da mesma forma que Eva levou Adão a pecar ao provarem do fruto proibido (ou do fruto do conhecimento do bem e do mal), faz algo semelhante com o personagem quando pede a ele “*Quero que você me toque lá por dentro e chame meu nome*” (2007, p.162). Poderíamos analisar esse momento como a tomada de consciência de Paul D, conhecendo e nomeando suas próprias memórias.

Ao final da narrativa Morrison discorre mais uma vez a respeito da solidão, do esquecimento e das lembranças, sobre o balanço do mar como um alento e também sobre os *esquecidos*, sobre a dor e a história. É um momento de reflexão e questionamentos quando afirma que “*Esta não é uma história para passar adiante.*” (2007, p.363).

## CAPÍTULO III

### *THE TORTILLA CURTAIN (AMÉRICA): Diáspora, Memória e Transculturação*

*“Pobre México, tan lejos de Dios, tan cerca de Norteamérica.” - Ditado popular mexicano*

*“Alguma coisa semelhante acontece com os mexicanos que encontramos pela rua. Embora estejam vivendo ali há muitos anos, usando a mesma roupa, falando o mesmo idioma e sentindo vergonha da sua origem, ninguém os confundiria com os norte-americanos autênticos.” – Octavio Paz*

*Nós, mexicanos, não criamos nenhuma forma que nos expresse. Portanto, a mexicanidade não pode se identificar com nenhuma forma ou tendência histórica concreta: é uma oscilação entre vários projetos universais, sucessivamente transplantados ou impostos e, todos, hoje, inúteis. A mexicanidade, assim, é uma maneira de não sermos nós mesmos, uma reiterada maneira de ser e viver outra coisa. Em suma, às vezes uma máscara e outras vezes uma súbita determinação de procurar a nós mesmos, um repentina abrir o peito para encontrar nossa voz mais secreta. – Octávio Paz*

### 3. THE TORTILLA CURTAIN (AMÉRICA): Diáspora, Memória e Transculturação

Neste capítulo será feita uma reflexão a respeito das características do mexicano que vive na fronteira entre o México e os Estados Unidos na obra de T. C. Boyle, *The Tortilla Curtain (América)*, enfatizando e problematizando a fronteira e a busca pelo *American Dream*, a diáspora (in) voluntária do imigrante mexicano para os Estados Unidos, a memória e a transculturação dos mexicanos que muitas vezes inconscientemente sentem que têm direitos sobre uma região que um dia pertenceu a seus ancestrais. O *American Dream* é demonstrado com perspectivas diferentes para cada personagem. Nesse estudo observaremos que os personagens mexicanos e americanos acreditam nesse *sonho*, embora sua realização envolva valores muito diferentes para cada um.

T. C. Boyle é um escritor anglo-americano que vive na Califórnia e suas obras são caracterizadas pela influência da geração conhecida como “*Baby Boom*” – denominação utilizada para definir a geração nascida após a Segunda Guerra Mundial. É interessante observarmos que apesar de ser de origem anglo-americana Boyle escreve uma obra sobre os mexicanos da fronteira.

“O que Boyle sugere em seu romance (...) é marcado por uma dupla dinâmica: um controle fronteiriço crescente para impedir a entrada de imigrantes e refugiados e uma tolerância semi-oficial de trabalhadores ilegais de baixa renda.” (Walter, 1998, p. 210).

Os temas tratados pelo autor na narrativa estão relacionados ao homem e a natureza, a saber: o descaso do ser humano com o meio ambiente, a crueldade e a imprevisibilidade da natureza e o modo como a humanidade (in) conscientemente trata o meio ambiente. *The Tortilla Curtain* se caracteriza ainda por uma mescla de humor e exploração social. A ironia e a sátira também são características recorrentes na obra. A narrativa é linear embora, alternadamente, cada capítulo trate de um personagem, mecanismo que prende a atenção do leitor e cria muitas expectativas durante toda a leitura do romance. Segundo o autor o título do livro tem origem em uma expressão muito comum na fronteira Mexicana, “*A Cortina de Tortilha*”. O autor explica a escolha do título:

“O título provém de um nome comum na fronteira do México, A Cortina de Tortilha”, e eu a imagino dessa forma. Existe a Cortina de Ferro, que como imagem é impenetrável. (...) Com relação à China encontramos a Cortina de Bambu. O que a meu ver, não se trata de algo tão impenetrável quanto a Cortina de Ferro, pois poderemos encontrar algumas brechas com muita facilidade. Então temos a Cortina de Tortilha que é o oposto do impenetrável. (...)<sup>27</sup>

A história se passa nos arredores de Los Angeles – Califórnia, próximo à fronteira do México com os Estados Unidos nos anos 90. Os personagens principais da obra são dois casais: Cândido e América, um casal de mexicanos que entra nos EUA ilegalmente em busca de melhores condições de vida – ele um homem de 33 anos que já viveu e trabalhou uma vez nos Estados Unidos como imigrante e América sua esposa uma jovem de 17 anos que está grávida. Os mexicanos vivem em péssimas condições, acampados em um cânion próximo ao condomínio de luxo Arroyo Blanco. O outro casal é Delaney e Kyra Mossbacher, americanos de classe média alta que moram próximos aos mexicanos, mas numa bela casa em Arroyo Blanco com o filho único de Kyra, Jordan. A vida dos protagonistas se cruza quando Delaney atropela Cândido no momento em que o mexicano esta voltando para sua “casa”. Delaney dá ao mexicano uma nota de vinte dólares para ressarcir o dano causado a sua integridade física. Dias depois um coiote invade o quintal da casa dos Mossbacher e mata um dos cães de Kyra e Delaney. Este acontecimento faz com que a família coloque uma cerca para proteger sua residência, mas logo percebem que a proteção foi ineficaz, então providenciam uma cerca mais alta. A nova cerca também não protege suficientemente a residência e seu outro cão também é atacado pelo coiote. A solução encontrada pelos moradores do condomínio para se protegerem dos *animais selvagens*, dos *imigrantes ilegais* e dos *negros* entre outros, é a construção de um muro e um portão, para dessa forma, evitar a entrada dos “invasores indesejados”. No decorrer da narrativa Delaney vai se tornando um inimigo ferrenho dos imigrantes ilegais e direciona toda sua fúria contra Cândido. Delaney culpa o mexicano por todos os problemas que os imigrantes ilegais causam à sociedade em que ele vive e num impulso decide matá-lo. O romance termina quando ocorre um deslizamento de terra e uma enchente causada por uma chuva muito forte, a

---

<sup>27</sup> Fonte: Entrevista com T. C. Boyle em <http://www.tcboyle.com/index.html?2>. Acesso em 20/10/2009. Tradução da autora dessa dissertação.

cabana onde estavam vivendo os mexicanos e a casa de Delaney e Kyra são soterradas. Cândido salva sua esposa América do afogamento iminente. Socorro, a filhinha do casal mexicano, desaparece no meio das águas e da lama. A cena final da narrativa descreve Cândido segurando a mão de uma pessoa branca que está prestes a se afogar, levando o leitor a imaginar que se trata de Delaney.

O autor utiliza vários símbolos e metáforas na narrativa para demonstrar o efeito da presença do imigrante ilegal na sociedade estadunidense. A todo o momento é mostrado no romance que os “invasores” podem ser encontrados dentro e fora dos muros de proteção e que o *American Dream* pode representar tanto um sonho quanto um pesadelo para os personagens do romance. A personagem América pode ser uma metáfora da nação que Cândido sonha em conquistar: “*Ele se lembrou de tudo a respeito dela: (...) era perfeita e linda (...) era América, esperança de seu futuro (...)*” (Boyle, 1998, p.33).

A diáspora do povo mexicano para os Estados Unidos no romance é representada pelo casal Cândido e América, em sua busca pelo “*American Dream como mito vivo, distorcido por uma dinâmica interesseira de subalternização do outro que afirma a identidade anglo-americana.*” (Walter, 1998, p.209) As dificuldades enfrentadas pelos personagens no processo diaspórico demonstram mais uma vez que toda diáspora está acompanhada por alguma forma de intolerância, discriminação e violência e que da mesma forma como ocorreu com os africanos – que primeiro foram escravizados por seus próprios “irmãos” na África – os mexicanos são roubados e sofrem violência ao serem atacados pelos próprios conterrâneos no México antes de atravessarem a fronteira,

“(...) Todo o aconchego que sentira antes, toda a sensação de irmandade desaparecera de repente; só conseguia pensar no pesadelo das faces daqueles animais da fronteira – animais mexicanos – que surgiram no meio da noite para atacá-la *[América]* e a Cândido, quando tentavam atravessar. Mexicanos. Sua própria gente. Quando a luz iluminou seus rostos, ela não viu nada – nem respeito, nem piedade.” (Boyle, 1998, p.68, grifos meus).

O romance como já foi mencionado é permeado por símbolos e metáforas. O *coiote* é uma metáfora recorrente e ao mesmo tempo um dos símbolos mais fortes na narrativa. Ele surge em diferentes momentos às vezes como o *agente mexicano* que cobra dos imigrantes para ajudá-los a atravessar a fronteira, depois como o animal

“real” que invade e mata os cães do casal americano e mais tarde representando metaforicamente os *imigrantes ilegais*.

Podemos problematizar a presença do “*coiote enquanto invasor de propriedades*” levantando a seguinte questão: quem seria o *verdadeiro* invasor? Afinal o coiote vivia em seu habitat natural e os seres humanos teriam *invadido* esse habitat para construir suas moradias. Nesse caso o coiote seria uma vítima do ser humano que além de invadir seu território, construiu cercas para mantê-lo do lado de fora.

Essa problemática nos leva a pensar a respeito da realidade da região da fronteira do México com os Estados Unidos. Afinal a diáspora do mexicano para o “norte” através da fronteira, pode se tratar da busca por sua terra ancestral. Terra que lhes foi tomada e invadida pelos anglo-saxões. A busca por esse sonho utópico, por um novo *Eldorado*, faz com que o mexicano que vive na fronteira sinta que sua identidade perdida por meio da aculturação e ainda não realizada totalmente pelo processo da transculturação ainda esteja em processo de (trans) formação desde a chegada dos espanhóis ao seu território e, portanto, sinta-se compelido a ir à busca de suas raízes no *norte*, onde uma vez viveram seus ancestrais.

Observamos que diferentemente do personagem mexicano, comparado a um coiote, o personagem anglo-saxão, Delaney, se trata do típico cidadão “*politicamente correto*” e que se descreve como um “*humanista liberal*”. Ele escreve uma coluna em um periódico sobre natureza e meio ambiente. No decorrer da narrativa Delaney se mostra tolerante com os animais e intolerante com os seres humanos, principalmente os *imigrantes ilegais*. Essa *preocupação* com o *coiote* pelo *humanista liberal* e a ambigüidade do caráter do personagem, demonstra a ironia utilizada por T. C. Boyle na construção da narrativa juntamente com uma metáfora ao invasor.

“(...) (afinal de contas, o coiote habitava estas colinas muito antes que o *Homo sapiens* fizesse sua primeira aparição precária no continente), embora o autor [Delaney] (...) concorde que alguma espécie de controle deva ser aplicada, caso continuemos a diminuir o território do coiote, com a expansão urbana e suburbana. Se invadimos o território dele, por que tanta surpresa quando ele invade o nosso?” (Boyle, 1998 p.219, grifos meus).

A consciência demonstrada por Delaney com relação à “*invasão*” do ser humano ao território do coiote, logo é desconstruída através de suas atitudes. Então encontramos

no romance um terreno fértil para analisar e problematizar a situação do México com relação aos Estados Unidos. Afinal, se pensarmos na (trans) formação da nação mexicana poderemos concluir que os Estados Unidos *invadiram* um território que anteriormente pertencia ao México. É claro que isso ocorreu por meios “legais” e que os territórios agora pertencentes aos Estados Unidos foram “devidamente pagos” aos mexicanos. Mas como compreender essa relação entre países vizinhos? Por que manter do lado de fora os antigos proprietários dessa terra? Até que ponto cercas e muros nos protegem do invasor indesejado? Quem seria, nesse caso, o invasor indesejado? Por outro lado ainda podemos levantar a seguinte questão: os Estados Unidos teriam a obrigação e/ou o dever de aceitar os imigrantes mexicanos em seu território? Estes e outros questionamentos são levantados no decorrer do romance muitas vezes por meio de símbolos e de metáforas.

Boyle utiliza o coiote como uma metáfora *ao imigrante ilegal*. Os coiotes – assim como os imigrantes ilegais – desejam sobreviver a qualquer custo, mesmo que isso inclua entrar em um território desconhecido ou perigoso para ele. Ao comparar o *coiote* com o *imigrante ilegal* fica claro que os *americanos*<sup>28</sup> sabem que os mexicanos sempre darão um jeito de entrar em seu território. Da mesma forma que os Mossbacher querem manter os coiotes afastados, os moradores *xenófobos* do condomínio também tentam manter fora de seus domínios os *imigrantes ilegais*, os *negros*<sup>29</sup> e outros tipos de “ameaças”.

“A natureza, contudo, era o menor de seus problemas. Os seres humanos preocupavam os moradores mais ainda. Salvadorenhos, mexicanos, negros, membros de gangues e tribos (...).” (Boyle, 1998, p.49).

No romance Cândido faz a mesma coisa que o coiote e entra sorrateiramente no condomínio onde vive Delaney. É um momento de desespero: após Cândido provocar accidentalmente um incêndio no cânion, América dá à luz a uma menina no meio da

---

<sup>28</sup> Ao usarmos o adjetivo “*americano*” estamos nos referindo aos cidadãos nascidos nos Estados Unidos – e em geral – aos *caucasianos* (ou *anglo-saxões*). Apesar de ser observado que mexicanos, mexican-Americans e chicanos, sofrem discriminação *também* por parte dos afro-americanos.

<sup>29</sup> Na nota anterior foi dito que os cidadãos afro-americanos discriminam os mexicanos e seus descendentes, mas isso não exclui o fato dos afro-americanos e outros grupos étnicos sofrerem igual discriminação por parte dos anglo-saxões no território dos Estados Unidos.

fumaça e das chamas e pede água ao companheiro. Como um animal selvagem fugindo da morte Cândido procura uma brecha no muro do condomínio onde vivem os Mossbacher em busca de água.

“(...) O que haveria do lado de lá dos muros? (...) não teriam feito um muro em volta de nada. Precisava entrar para descobrir. (...) viu, saindo do muro, à sua direita (...) uma torneira e uma mangueira verde, (...) encontrou uma xícara no abrigo e bebeu três xícaras de água, antes de enchê-la para América.” (Boyle, 1998, p.286-267).

A diáspora na região da fronteira pode ser simbolizada nesse trecho da narrativa ainda como uma espécie de *curiosidade*, natural no ser humano, com relação a tudo o que é *proibido*. Fica claro que a construção de uma barreira física, além de não ser eficaz para impedir a entrada de indivíduos indesejados, suscita a curiosidade de quem está do outro lado do muro.

Tudo o que Delaney escreve em sua coluna sobre o coiote pode ser aplicado à vida de Cândido e América nos Estados Unidos: “*Um coiote, que vive na periferia da comunidade onde vivo, (...) aprendeu a morder até conseguir furar canos plásticos de irrigação sempre que sente sede*” (Boyle, 1998, p.221). Assim como o coiote, Cândido se torna um oportunista e pega o que conseguir, ele não é um ladrão, muito pelo contrário, deseja trabalhar, mas quando sua filha nasce o personagem se dispõe a fazer qualquer coisa para levar alimento para casa, mesmo que isso signifique roubar, “*O coiote não tem culpa: apenas tenta sobreviver, cuidar de sua vida, tirar vantagem das oportunidades que lhe são oferecidas.*” (1998, p. 222). Assim começa a ficar claro que Cândido está se adaptando ao meio ambiente da mesma forma que o coiote.

“*Colocar armadilhas é inteiramente inútil – mesmo que as colocássemos em todos os quintais do país – como já demonstraram inúmeras pesquisas.*” (1998, p.221). Analisando a situação do imigrante e comparando o mesmo ao coiote, Delaney poderia estar se referindo ao problema da proteção da fronteira entre os Estados Unidos e o México. Concluindo, fica claro que no romance o coiote é um símbolo definitivo da imigração ilegal. Ainda, o coiote demonstra o comportamento e o estilo de vida de Cândido: ambos vivem à margem da sociedade.

Os mexicanos não têm uma casa para morar, portanto eles acampam em um cânion, próximo a mata onde vive o coiote. Além disso, por não conseguir trabalho, em uma determinada ocasião se vê forçado a procurar comida dentro de latas de lixo como um animal. Mais tarde invade o condomínio Arroyo Blanco para pegar objetos que

possa levar para dar um pouco de conforto para sua esposa e filha: comportamentos que podem ser comprados aos do coiote. Talvez a comparação mais forte entre os dois seja o fato de nenhum deles ser bem vindo na cidade e de ambos serem “caçados”.

A hipocrisia do multiculturalismo liberal americano com relação aos imigrantes é evidente no romance, a saber: a exploração e submissão às quais o imigrante é submetido nos Estados Unidos; a conduta dos cidadãos americanos que na realidade também fizeram parte de uma diáspora quando se dirigiram para o *oeste* e invadiram os territórios que pertenciam ao México; a busca *talvez* inconsciente do povo americano por sua identidade uma vez que fazem parte de um *melting-pot* cultural e se trata de um povo resultante de outra diáspora durante a “*descoberta*” e “*colonização*” do Novo Mundo. Essa hipocrisia com relação aos povos da fronteira é descrita por Roland Walter,

“Boyle, portanto, desmistifica a fachada hipócrita do chamado multiculturalismo liberal norte-americano e a política neoliberal baseada em condições coloniais de exploração, denunciando o estado da mão-de-obra desterrada e móvel perseguindo um sonho americano construído para manter o sujeito pós-industrial em movimento. Em vez de ser símbolos do chamado *melting-pot* norte-americano esses espaços fronteiriços (...) são zonas de exílio nas quais os imigrantes não são nem *insiders* nem *outsiders* (e, no entanto, ambos), flutuando entre territórios e ordens de saber diferentes, condenados a identidades-em-processo e em busca de raízes culturais.” (Walter, 1998, p.211).

Através das lembranças de Cândido e América a respeito de sua vida antes e durante a *travessia* da fronteira para os Estados Unidos, podemos observar os traços da memória dentro da narrativa. Sobre a primeira tentativa de travessia da fronteira, América relata algumas *recordações amargas* quando ela e Cândido tentavam passar para os Estados Unidos pela primeira vez. Ela se lembra que os dois ficaram escondidos “*ao lado da cerca de ferro corrugado*” (Boyle, 1998, p.69), a espera do sinal do coiote<sup>30</sup> para que eles corressem e passassem através do buraco da cerca, mas o dinheiro

---

<sup>30</sup> Como já foi explicado anteriormente “coiote” pode se tratar da denominação dada aos indivíduos – normalmente mexicanos – que em troca de dinheiro ajudam os imigrantes ilegais a atravessar a fronteira do México com os Estados Unidos.

que pagaram para atravessar a fronteira “*dois terços de sua economia*” (1998, p.69) foi em vão.

“Foi então que os animais atacaram. (...) Uma gangue inteira, armada com facas, tacos de beisebol e um revólver. (...) Jogaram Cândido no chão e cortaram os bolsos das calças dele. Depois com ar sombrio caíram em cima dela (...) Cândido gritou e eles o espancaram. (...). o helicóptero surgiu com suas luzes; (...) e os vermes se espalharam. ‘Corra! ’ Cândido gritou. ‘Corra! ’ E ela correu nua. (...) Passou a noite mais humilhante de sua vida. Ela ficou lá, parada, nua e sangrando. Todos a olharam a vontade, até que alguém lhe deu um cobertor para se proteger. Vinte minutos depois, estava de volta ao lado mexicano da cerca.” (Boyle 1998, p.69).

Podemos observar neste trecho do romance, em que América se recorda desse episódio humilhante e compara os saqueadores mexicanos com animais, e que a fronteira é uma zona de guerra: vemos os *americanos* “*defendendo*” seu território contra a invasão dos povos do “*sul*”; os *coiotes*, moradores da região, que se aproveitam e saqueiam os indivíduos que buscam incansavelmente o sonho da conquista do “*norte*”; e o *mexicano* e sua corrida desesperada em busca do *American Dream*.

Retomando mais uma vez às diversas simbologias utilizadas no romance encontramos os muros que representam também uma *metáfora à fronteira*. Um muro é uma barreira física que pode separar pessoas e culturas. Há dois muros reais mencionados no livro. Um deles não é propriamente um muro de pedras ou tijolos, mas uma cerca no quintal dos Mossbacher como já foi dito anteriormente a fim de evitar a entrada dos coiotes. No entanto conforme se torna óbvio que as cercas não são adequadas para tal propósito eles decidem construir um muro. O que Boyle pretende representar com a construção desse muro é a *Cortina de Tortilha*: a cerca de ferro que separa os Estados Unidos do México, uma cerca que simboliza a intolerância de uma nação com relação à outra. Uma cerca que na verdade não é eficaz porque da mesma forma que os coiotes continuam entrando nos quintais, os imigrantes ilegais continuarão encontrando meios de atravessar essa barreira.

Além desses muros “reais” existem ainda “muros simbólicos” que surgem no decorrer da narrativa. Para tornar mais clara essa idéia do muro simbólico ou invisível, basta observar onde os personagens vivem: a comunidade anglo-americana mora na parte alta da montanha, enquanto que os mexicanos ilegais vivem no cânion aos pés da

montanha. Essa oposição geográfica demonstra a diferença social, etnoracial e cultural que separa os dois grupos. Além disso, esse muro imaginário não divide apenas fisicamente essas duas culturas, também reflete seus diferentes status dentro da sociedade. Cândido e América por se tratarem de imigrantes ilegais pertencem à camada inferior da sociedade e a comunidade de Arroyo Blanco compõe a camada superior. Assim um paralelo pode ser traçado com a realidade atual da sociedade americana no que se refere às oportunidades oferecidas aos seus cidadãos. Em geral à população *anglo-americana* são oferecidas melhores oportunidades no que se refere aos diversos aspectos sociais, como o acesso à educação e ao trabalho, sendo muito difícil para os imigrantes e seus descendentes melhorarem seu status na sociedade. Esse contraste surge no início do romance onde ainda podemos observar a ironia utilizada pelo autor na descrição do condomínio Arroyo Blanco comparativamente ao acampamento no cânion.

“No trecho superior do cânion, aninhado na depressão em forma de leque (...), encontra-se (...) Arroyo Blanco. Trata-se de um condomínio fechado, com campo de golfe, dez quadras de tênis, centro comunitário e cerca de duzentas e cinqüenta casas, todas em terrenos de seis mil metros quadrados (...) As casas seguem, sem exceção, o estilo missão espanhola, sendo pintadas num dos três tons de branco permitidos com telhados na cor de laranja” (Boyle, 1998, p.40).

“Completaram três semanas de acampamento no cânion. Não podiam ficar expostos à vida nas ruas do centro de Los Angeles (...). Embora não tivessem um teto sobre suas cabeças, nem segurança alguma, sentia-se feliz, pela primeira vez desde que saíram de casa. A água ainda corria, a areia era limpa e o céu lá no alto era deles.”  
(Boyle, 1998, p.37)

Ainda com relação aos *muros metafóricos* que separam os imigrantes e os cidadãos anglo-americanos demonstrando o estilo de vida de cada um, destacamos: a *comida*, o *racismo*, o “*American way of life*” e até a sorte e/ou a falta dela. Como a comida atua como uma separação entre dois mundos que dividem o mesmo território? Seria possível responder com outro questionamento: Que tipo e que quantidade de comida pessoas de classes diferentes podem comprar? O autor contrasta os hábitos alimentares das duas famílias protagonistas: os Mossbacher fazem escolhas com relação

aos alimentos, podem decidir o quê e que em que quantidade desejam comer, essa fartura de alimentos é demonstrada no trecho a seguir,

“(...) Delaney se levantou (...) para coar o café de Kyra, alimentar Jordan com frutas, granola e biscoito com fibras (...). voltou a cozinha para espremer laranjas (...) enquanto Kyra tomava café e engolia as doze vitaminas e os diversos suplementos minerais com meio copo de suco de laranja espremido na hora. (...) ‘você pode escolher o seu biscoito de fibras: cranberry nut ou honeyberry supreme. Qual dos dois prefere? Jordan com a boca cheia de kiwi: ‘Papaya coconut’. Kyra insistia numa dieta balanceada para o filho, com ênfase no café da manhã: frutas frescas, granola com leite desnatado e levedo, biscoito com fibras (...)’” (Boyle, 1998, p.40-41).

Em oposição a essa fartura a falta de alimentos é um problema na vida de Cândido e América. Devido ao desemprego, eles não têm dinheiro suficiente para comprar comida e assim não têm a oportunidade de escolher o que comer. Eles são forçados a comprar alimentos baratos e que na maioria das vezes não são muito saudáveis. A situação fica ainda pior quando em determinado momento o desespero e a fome leva Cândido a procurar comida numa lata de lixo. O autor com isso deseja causar um impacto no leitor demonstrando a batalha constante pela sobrevivência dos imigrantes e a comida em abundância que está disponível para os anglo-americanos.

“‘Está com fome?’ Cândido sussurrou, (...) ‘Um latão metálico os esperava ali, do lado de fora da porta dos fundos e, pelo cheiro, ela percebeu imediatamente do que se tratava. Cândido (...) avançou para a lata, tirou a tampa (...) Entendeu tudo: lixo iam comer lixo. Revirar a lata, como os *basureros* no depósito de lixo, pegar os restos dos outros, cheios de cuspe, vermes e formigas. Estava louco? (...) Ele olhou em torno, rapidamente com aquela expressão preocupada, tensa por um momento. Depois relaxou. Sua voz se enterneceu.’Coma mi vida’ (...). ‘Precisa comer, para manter as forças.’” (Boyle, 1998, p.244-245)

Uma característica decorrente da diáspora é o sentimento de *não-pertencimento* que o indivíduo diaspórico procura amenizar através da busca pelo “lar”. Essa busca é demonstrada no romance comparativamente através das diferentes *moradias* dos anglo-americanos e dos mexicanos ilegais. Os Mossbacher habitam em uma casa própria com

quintal e garagem, e ainda Kyra que trabalha como corretora de imóveis sonha em comprar uma casa ainda maior: a propriedade Da Ros. Por outro lado Cândido e América acampam a céu aberto no cânion e depois de um incêndio na mata, vão morar em uma cabana feita por Cândido na encosta da montanha. O sonho de América é viver em uma casa com geladeira e fogão - quatro paredes e um teto – nada mais que isso. Ao refletirmos a respeito da insatisfação de Kyra que deseja morar em uma casa mais luxuosa e na insatisfação de América que deseja morar em *uma casa*, percebemos que as aspirações das duas mulheres se aproximam e se afastam brutalmente.

O “muro invisível” que separa os Mexicanos ilegais dos cidadãos anglo-americanos torna-se cada vez mais visível. Além disso, Delaney que representa o ideal anglo-americano termina por demonstrar a discrepância entre seu discurso politicamente correto e suas atitudes ao generalizar o imigrante como um povo irresponsável e pouco civilizado: “*gente irresponsável, estúpida, gente ansiosa para transformar o mundo inteiro num depósito de lixo, numa imensa Tijuana.*” (Boyle, 1998, p.21) Sua atitude politicamente correta é desafiada quando ele atropela o mexicano e dá a vítima uma nota de vinte dólares.

“O sujeito ficou bem. Quero dizer, só sofreu uns arranhões... Só isso. Foi embora e pronto. Dei-lhe vinte dólares’. ‘Vinte? ’ /disse Kyra/ ‘ antes que as palavras queimassem em sua boca, ele falou: ‘Já disse... era um mexicano! ’” (Boyle, 1998, p.25, grifos meus).

O impacto causado por esse diálogo entre Delaney e Kyra é utilizado pelo autor para demonstrar o racismo presente na cultura americana com relação a qualquer indivíduo que não pertença à hegemonia anglo-saxã. Nesse discurso percebemos o descaso do personagem com relação não só ao mexicano como a todos os outros indivíduos que participam dessa sociedade-nação. Delaney reflete o sentimento de medo e aversão do americano com relação ao invasor estrangeiro,

“Acampado. Morando ali. Escondido. Fazendo das árvores, dos arbustos e do habitat do parque estadual de Topanga seu domicílio particular, defecando no mato, jogando o lixo atrás das pedras poluindo o riacho, arruinando-o para todos os fins. Aquele local pertencia ao Estado, (...) para garantir a preservação da natureza, não para servir de gueto ao ar livre.” (Boyle, 1998, p.20-21).

O racismo é uma barreira poderosa contra os indivíduos que não fazem parte da hegemonia americana e esse sentimento é demonstrado na narrativa através de diversos personagens incluindo Delaney, que procura esconder esse sentimento em seu posicionamento politicamente correto com relação à imigração, procurando demonstrar-se consciente de que os próprios americanos são descendentes de imigrantes:

“Não percebe o que está dizendo? Os imigrantes são a força motriz deste país. Somos uma nação de imigrantes. Nenhum de nós estaria aqui agora, se fosse diferente.” (Boyle, 1998, p.110).

No discurso de Delaney com relação aos imigrantes anglo-saxões podemos observar a ideologia presente. A tendência em não considerar outros descendentes de imigrantes que participaram da diáspora formadora da nação está implícita nesse discurso.

“Nossa sociedade já não é como antes – e não será, enquanto não conseguirmos controlar as fronteiras. ’ As fronteiras. Delaney recuou (...) vendo aqueles rostos morenos nas esquinas (...) todos eles gritando suas necessidades humanas com as bocas cheias de dentes podres. ‘Isso é racismo Jack, e você sabe muito bem. ’” (Boyle, 1998, p.110).

O fator sorte e azar são problematizados no romance, demonstrando a inversão de valores entre as diferentes classes sociais, “(...) seria típico de seu ‘azar’ se o bebê nascesse agora, na pior hora possível.” (Boyle, 1998, p.283, grifo meu). Cândido o tempo todo se sente assombrado pela “*mala suerte*” o que no decorrer do romance demonstra ser um fato recorrente, pois o leitor testemunha os diversos acidentes e infortúnios pelos quais o personagem é submetido. Ao mesmo tempo a ironia utilizada pelo autor é notada mais uma vez quando o leitor percebe os diferentes sentidos de sorte para Delaney e Cândido. Por exemplo, quando Delaney atropela Cândido com seu carro, Cândido acha que a culpa é de sua “*mala suerte*” e Delaney se preocupa com o prejuízo material e com seu “*bônus de bom motorista*”. O contraste e a inversão de valores demonstram como uma sociedade pode ser injusta com os que *nada têm* enquanto o casal mexicano vive como animais selvagens e fica satisfeito quando consegue o suficiente para comer, Delaney fica arrasado ao atropelar Cândido por perceber que seu “carro japonês” ficou amassado.

Boyle demonstra como as atitudes materialistas dos personagens são injustas quando comparadas ao estilo de vida do casal mexicano e demonstra a eterna insatisfação do ser humano. O sonho utópico por uma sociedade justa e melhor é desconstruído pelo autor durante todo o romance, o que Boyle nos mostra é que o *American Dream* é uma ilusão. Podemos finalmente afirmar que o *American Dream*, se tornou hoje o sonho e o pesadelo de muitos, tanto dos anglo-saxões, como de outros cidadãos “*hifénizados*” que vivem nos Estados Unidos legal ou ilegalmente. A tentativa de conter a imigração na fronteira pulsante com o México torna esse sonho ainda mais real e presente no imaginário do mexicano e de cada indivíduo que arrisca sua vida na tentativa de transpor a *Cortina de Tortilha*.

## CAPÍTULO IV

### *BELoved e THE TORTILLA CURTAIN: uma análise comparativa*

“Dentre os grupos de gente de cada sociedade, as pessoas distinguem aqueles que são minha gente, ou são mais minha gente, dos que não são tanto minha gente. Esta distinção entre nós e o eles, de certa forma, ordena os elementos humanos no cenário universal.” – **Robert Redfield**.

I, too, sing America.

I am the darker brother.  
They send me to eat in the kitchen  
When company comes,  
But I laugh,  
And eat well,  
And grow strong.

Tomorrow,  
I'll be at the table  
When company comes.  
Nobody'll dare  
Say to me,  
"Eat in the kitchen,"  
Then.

Besides,  
They'll see how beautiful I am  
And be ashamed--

I, too, am America.

**Langston Hughes – I too, Sing America.**

#### **4. *BELOVED* e *THE TORTILLA CURTAIN*: uma análise comparativa**

Apesar dos dois romances se desenrolarem nos EUA, a diáspora, a memória e a transculturação se apresentam de maneiras distintas no romance de Morrison e de Boyle à medida que não somente os personagens se encontram em épocas diferentes, mas também carregam uma história cultural que não estão igualmente dispostas. A autonomia de cada grupo étnico representado nos romances é determinada pela alteridade devido à fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, etnia e nacionalidade. A diáspora vivida pelo casal em *The Tortilla Curtain* e pelos africanos e seus descendentes em *Beloved* difere por se tratar de povos distintos e principalmente pela questão geográfica e histórica.

Os dois povos – africano e mexicano – dentro dos contextos históricos e culturais que são apresentados nos romances passaram por transformações, devido ao contato com o *outro* nos processos diaspóricos durante o período colonial. Esses dois povos – ou o resultado nunca realizado dos encontros multiculturais formadores dos mesmos – colaboraram sobremaneira para a formação étnica do povo norte-americano, embora sejam discriminados e não sejam bem aceitos na sociedade estadunidense.

No que tange a similaridades no modo como os povos mexicanos e africanos se enxergam no rol da memória diaspórica, faz-se importante observar também a questão da condição de colonizado. Os europeus impuseram costumes a partir da relação de poder intrínseca a sua condição de "dominadores". Embora a relação de poder se perpetue na memória diaspórica e ao longo das várias transformações pelas quais passaram, ostentam uma tradição a partir da qual se identificam ou buscam se identificar no entrelaçamento dos costumes. A partir deste ponto de vista, há uma semelhança na memória diaspórica do mexicano e do africano ou do afro-descendente que dividem ao longo da história a condição de povos colonizados e oprimidos.

A presença do descendente do europeu representado pelo anglo-saxão nos dois romances determina essa relação de poder. A hegemonia do *caucasiano* sobre as etnias “colonizadas” é problematizada nos dois romances. Os tratamentos abomináveis aos quais os mexicanos os africanos e seus descendentes são submetidos demonstram que: no processo de expansão européia milhões de indivíduos que originalmente não participavam de uma cultura homogênea “*foram conscritos em um único sistema econômico e altamente uniformizado em seus modos de ser e viver*” (Ribeiro, 2007,

p.70) – esses indivíduos diaspóricos que também passaram – e ainda passam – pelo processo de transculturação se colocaram como o ideal estético e social, oprimindo aqueles que lhes são diferentes na língua e na cor da pele.

A memória ocorre nos romances de maneira distinta: em *Beloved* a personagem Sethe *deseja esquecer* o passado, mas sua mente se nega a fazê-lo, o passado retorna sempre como o movimento das águas e das marés; já em *The Tortilla Curtain* a busca por um futuro melhor através do *American Dream* faz com que os personagens se *lembrem* das dificuldades e dos infortúnios vividos antes de atravessarem a fronteira do México com os Estados Unidos e *desejem* ardenteamente permanecer no lado *norte* da fronteira para alcançar seu sonho de prosperidade, para Roland Walter,

”O sonho de assimilação cultural de Cândido e América colidem com o monoculturalismo anglo, o nacionalismo xenófobo que afirma uma imagem racialmente codificada de norte-americanidade” (Walter, 1998, p.210).

A impossibilidade de esquecer em *Beloved* torna-se um obstáculo para qualquer possibilidade de futuro. Por outro lado, Cândido em *The Tortilla Curtain* vislumbra o futuro através do *American Dream*. A esperança e a crença no *sonho americano* não permitem que o personagem de Boyle desista desse sonho e tampouco atenda aos apelos de América para que eles voltem para o México.

Existem ainda outros aspectos em comum – como a existência das filhas dos personagens que morrem ainda bebês, a saber: Amada (*Beloved*) e Socorro (*The Tortilla Curtain*). Amada é assassinada de forma trágica pela mãe. América – a mãe de Socorro – perde a filha na enchente. Observamos que as duas meninas estavam nos braços das mães quando morreram. Há ainda outro ponto em comum: Socorro morre *afogada* – como morreram muitos africanos durante a travessia do Oceano Atlântico – enquanto Amada retorna *reencarnada* de dentro das águas do riacho – representando a memória coletiva dos negros afogados e/ou escravizados. A presença da água é importante nos dois romances: Cândido e América vivem no cânion à beira de um rio; Sethe atravessa o Rio Ohio para chegar à casa da Rua Bluestone, 124. Os afogados são citados em *Beloved* relembrando os muitos indivíduos que foram jogados ao mar durante a travessia do Oceano Atlântico. A memória dos africanos diaspóricos está repleta de *afogados*. Portanto, a morte de Socorro, afogada durante a enchente na região da

Califórnia, nos possibilita uma relação entre os dois romances. Além disso, ao pensarmos na diáspora observamos que apesar do mexicano não atravessar o oceano para se dirigir aos Estados Unidos, foi através do Oceano Atlântico que seus antepassados europeus chegaram à terra de seus ancestrais astecas.

Nas narrativas analisadas existe um “personagem” igualmente importante: *a casa*. Em *Beloved* a casa da Rua Bluestone 124 é uma presença viva. Morrison lhe atribui sentimentos humanos como o rancor, a agitação, e a quietude. A casa onde vive Sethe, Denver, Amada e Paul D, é um “*abrigo*” carregado de memórias de negros e onde os personagens se protegem e são atacados por diversos tipos de intempéries: psicológicas, sociais e até as climáticas. Em *The Tortilla Curtain* há a ausência da *casa* para os personagens mexicanos. O *American Dream* para os personagens mexicanos pode ser representado pelo desejo e pela busca inatingível do “lar”, uma casa com água corrente, banheiro, quatro paredes e um teto.

Outra semelhança é o fato dos personagens serem perseguidos e caçados – Sethe durante sua fuga da Doce Lar, e Cândido quando está acampado na encosta do morro próximo ao condomínio Arroyo Blanco. A morte de Amada e de Socorro acontece no momento em que Sethe e Cândido são encontrados por seus perseguidores nos respectivos romances.

A discriminação e os maus tratos pela sociedade de chegada são temas recorrentes nas duas obras. O fato de Toni Morrison ser uma mulher afro-americana e ter sido premiada com o Nobel de Literatura pelo romance *Beloved* nos mostra que diferentemente dos mexicanos e seus descendentes, os afro-americanos por meio de seus representantes mais significativos e de muitas lutas “sócio-culturais” conseguiram algum reconhecimento na sociedade estadunidense e se encontram em “melhor” situação que os mexicanos ilegais, e principalmente não podemos deixar de nos referir à eleição ocorrida em 2008 que colocou pela primeira vez na história dos Estados Unidos um presidente afro-descendente – Barack Obama – na Casa Branca.

Podemos inferir ainda que, devido ao fato de T. C. Boyle ser anglo-americano e tratar em seu romance dos problemas dos mexicanos ilegais, algumas camadas da sociedade norte-americana já demonstram preocupação com a problemática da diáspora dos mexicanos em direção aos Estados Unidos. A discriminação sofrida pelos mexicanos e seus descendentes que vivem na Califórnia é tema recorrente na literatura norte-americana através de alguns de seus representantes como: Glória Anzaldúa, Rafael Pérez-Torres, Guillermo Gómez-Peña entre outros. Ainda, muitos filmes

atualmente demonstram essa intolerância na fronteira fortemente militarizada que protege os Estados Unidos contra os imigrantes ilegais<sup>31</sup>, essa luta por seus direitos, e principalmente pelo direito de atravessar a “*Cortina de Tortilha*” que os fere e envergonha é um projeto em curso que devagar está chegando à mente e aos corações de muitos cidadãos norte-americanos.

---

<sup>31</sup> Podemos citar: *A Day Without a Mexican* (2004) de Sergio Arau; *Spanglish* (2004) de James L. Brooks; *Crossing-Over* (2009) de Wayne Kramer; entre outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Devemos enxergar o Outro em nós mesmos, para tomarmos consciência de sua presença, necessária e/ou muitas vezes incômoda, mas acima de tudo, uma presença profundamente real”. – **Octávio Paz**

Através das análises dos romances *Beloved* e *The Tortilla Curtain*, podemos destacar a existência de um ponto em comum demonstrado nas narrativas: a tendência a separar as pessoas por raça, gênero, etnia ou classe social. Uma das problemáticas levantadas na introdução desse campo dissertativo foi: como se daria a formação de uma nação economicamente dominante e como o poder que é legitimado pelo resto do mundo se relaciona com a produção da verdade e age através de um povo novo constituído por etnias diferentes ainda em busca de sua identidade?

Para tentarmos dar uma resposta admissível a esse questionamento teríamos que buscar na história da humanidade o papel que o europeu designou na colonização das nações no Novo Mundo. Pois devemos compreender “*que a história do homem nos últimos séculos, é principalmente, a história da expansão da Europa Ocidental*” (Ribeiro, 2007, p.47). O projeto colonizador da Europa através de ondas de cobiça e violência atingiu em diversos níveis sociais, políticos e econômicos cada povo e cada indivíduo que entrou em contato com seus ideais de poder, de riqueza e de justiça entre outros.

“Nenhum processo civilizatório anterior se revelara tão vigoroso em sua energia expansionista, tão contraditório em suas motivações, tão dinâmico em sua capacidade de renovar-se, tão eficaz em sua ação destrutiva, nem tão fecundo como matriz de povos e nacionalidades.” (Ribeiro, 2007, p. 47).

Partindo do que Ribeiro nos demonstra com relação ao povo europeu, passamos a nos referir como *povos transplantados*<sup>32</sup>: os povos que participaram da diáspora para as Américas, formados por contingentes de europeus que vieram com suas famílias, com a intenção de reconstruir sua vida econômica e social e que partilhavam dos mesmos ideais estéticos – através da brancura da pele – e linguísticos – principalmente através da língua inglesa. Esses povos transplantados tiveram uma característica peculiar: não se “*misturaram*”, ou melhor, não se “*entrecruzaram*” com os povos nativos ou *povos testemunho* nem com os escravos africanos e procuraram se estabelecer em regiões de clima temperado – similar ao clima europeu. Em geral esses povos obtiveram melhores chances de prosperidade. Fica claro que foi o que ocorreu com os países norte-americanos, a saber: Estados Unidos e Canadá.

---

<sup>32</sup> Para saber mais sobre *povos transplantados*, *povos novos* e *povos testemunho* ver Ribeiro (2007).

Apesar de essa explicação ser recorrente a respeito do “desenvolvimento” dos Estados Unidos em comparação ao “subdesenvolvimento” dos outros países que pertencem às Américas, Ribeiro nos ajuda a desconstruir essa explicação “simplista” com relação à formação dos Estados Unidos, sem negar, porém a veracidade dos fatos descritos acima.

“(...) devemos assinalar outros fatores gerais de diferenciação ou aproximação dos *povos transplantados* em relação às demais configurações histórico-culturais das Américas, provavelmente mais explicativos dos respectivos modos de ser do que os tão alegados diferenciadores climáticos, raciais e religiosos. Dentre eles sobressaem, no caso dos *povos transplantados* do norte, o fato de serem resultantes de projetos de autocolonização de novas áreas, em oposição ao caráter exógeno dos empreendimentos que deram lugar às outras configurações: a subjugação e o avassalamento de sociedades culturalmente muito avançadas, sobre as quais o conquistador se implantou como uma nova classe dominante, no caso dos *povos testemunho*, e o povoamento através da escravização de índios e negros aliciados para a exploração agrícola ou mineira, no caso dos *povos novos*.” (Ribeiro, 2007, p.367).

Concordando com Ribeiro no que diz respeito da autocolonização dos *povos transplantados*, e a ocorrência de outro tipo de *híbridismo* na formação da nação estadunidense – uma vez que os povos que lá se estabeleceram procuraram não se miscigenar com os povos nativos e africanos – observamos então que ocorreu a crença na superioridade e na hegemonia caucasiana em detrimento dos povos diferentes a eles na cor da pele e no idioma falado. Crença que é reforçada pelo poder econômico da nação norte-americana, atingido através do desenvolvimento industrial e capitalista.

Devido aos Estados Unidos terem se tornado uma superpotência mundial, a produção da verdade é legitimada no mundo “*globalizado*” através de seu poder econômico. Esse poder econômico atrai milhares indivíduos provenientes de nações mais pobres – como no caso dos mexicanos – em busca da prosperidade que pode ser traduzida pelo dito *American Dream*.

Retomando á formação das nações americanas e sua relação com a chegada do *outro* – através da diáspora – devemos ressaltar a importância da *alteridade* como foi dito anteriormente, partindo do pressuposto básico de que todo homem social interage e

interdepende de outros indivíduos. Darcy Ribeiro em entrevista para o documentário *O Povo Brasileiro*<sup>33</sup>, afirmou que “não há nada mais forte que uma etnia”. No entanto, através da análise dos romances e através do fenômeno da transculturação é possível afirmar que uma etnia pode apresentar aspectos vulneráveis. Tal vulnerabilidade se mostra no momento em que uma cultura entra em contato com outra e há o entrecruzamento entre elas. Nesse entrecruzamento a etnia se transfigura e passa a perder parte de sua identidade e a fundir-se com a outra. A partir de então forma-se algo novo transformado e transfigurado e em constante processo de transformação.

No decorrer dessa dissertação procurei demonstrar entre outras coisas a importância do Oceano Atlântico na formação e na identidade dos povos afro-americanos e mexicanos através da ficção de Morrison e Boyle. Muito também foi dito a respeito da fronteira que une e separa os mexicanos dos norte-americanos. Podemos ainda pensar no Oceano Atlântico como uma metáfora a todas as fronteiras que unem e separam nações e culturas. Através de uma “*literatura revisionista*” (Walter, 2009, p.260), autores como Toni Morrison e T. C. Boyle procuram resgatar a identidade e a dignidade de povos transculturados por meio da “*história, memória, identidade, cultura, discurso e episteme*” (Walter, 2009, p.260). A literatura ainda pode ser uma ferramenta elucidativa que complementa a história e possibilita uma série de reflexões a respeito da condição humana. *Beloved* e *The Tortilla Curtain*, portanto nos oferecem um diálogo entre culturas e nos permitem visualizar um espaço transcultural através das utopias das sociedades americanas.

Concluo levantando as seguintes questões: Como evitar as perdas e a dor causadas pela diáspora e o decorrente encontro de povos e etnias diferentes? Como apagar da memória dos povos diaspóricos os traumas vivenciados por seus antepassados? Como manter os laços de sangue e de identidade com os povos dizimados pelo conquistador europeu? E finalmente deixo aberta a discussão a respeito de que maneira a *Literatura* nos ajuda a compreender os povos (trans) formadores e (trans) formados pela da diáspora através do Oceano Atlântico?

---

<sup>33</sup> DVD: O POVO BRASILEIRO da obra de Darcy Ribeiro - Uma co-produção da Superfilmes, TV Cultura, GNT e Fundar, documentário que foi transformado e que traz os 10 programas de uma série baseada no livro de Darcy Ribeiro: O Povo Brasileiro, onde o autor investiga a formação do nosso povo.

## BIBLIOGRAFIA

- ADAMS, James T. *The Epic of América*. New York: Simon Pubns, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A Epopeia Americana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.
- AGNEW, V. *Diaspora, Memory and Identity: a search for Home*. Toronto: University of Toronto Press, 2005
- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands / La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- BAKHTIN, MIKHAIL. *The Dialogic Imagination*. Trans. Caryl Emerson and Michael Holquist. Ed. Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981.
- BHABHA, HOMI K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gáucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998
- BOSI, ECLÉA. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 10ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOYCE DAVIES, CAROLE. *Black Women, Writing and Identity*. New York: Routledge, 1994.
- BOYLE T. C. *The Tortilla Curtain*. New York: Penguin, 1996.
- \_\_\_\_\_. *América*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.
- BRUNEL, P.; PICHOIS, C. & ROUSSEAU, A. M. *Que é Literatura comparada?* Trad. C. Berretini. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- CALDERÓN, HECTOR; SALDÍVAR, JOSÉ DAVID (org.). *Criticism in The Borderlands: Studies in Chicano Literature, Culture, and Ideology*. 2ª ed. USA: Duke University Press, 1994.
- CAMPOS, MARIA CONSUELO CUNHA. *Escrita e militância: a escritora negra e o movimento negro brasileiro*.

[http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/06julho/artigo\\_maria\\_consuelo.htm](http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/06julho/artigo_maria_consuelo.htm). Acesso em 10/03/2008.

CÂNDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cia Nacional, 1973

\_\_\_\_\_. *O estudo analítico do poema*. São Paulo, FFLCH-USP, s/d.

CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. *Literatura comparada no mundo: questões e métodos*. Porto Alegre: L&PM Ed., 1997.

CHURCHWARD, JAMES. *O Continente Perdido de MU*. Livraria Editora HEMUS. São Paulo.

CLIFFORD, James. *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge: Harvard UP, 1997.

CORDIVIOLA, ALFREDO. (org.). *Um projeto Inacabado: identidades latino-americanas no ensaio do século 20*. IN: PINHO, KÁTIA. *América Latina*: Ed. Bagaço. Recife. 2001.

COSTA, ANTONIO LUIZ MONTEIRO DA - Colaborador da revista Carta Capital -. <http://antonioluizcosta.sites.uol.com.br/Historia1500.htm#%C3%ADndice>. Acesso em 15 de janeiro de 2010.

COSTA, SÉRGIO. *Dois Atlânticos. Teoria Social, anti-racismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2006

COUTINHO, E. F. & CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada – textos fundadores*, Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DERRIDA, JACQUES. *Gêneses, genealogias, gêneros e o gênio*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

EAGLETON, TERRY. *A Idéia de Cultura*. Editora Unesp. São Paulo, 2005

ELIADE, MIRCEA. *Mito e Realidade*. Debates. 4<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

FOUCAULT, MICHEL. Org. e Trad. MACHADO, ROBERTO. *Microfísica do Poder*. 8<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GARCÍA, ALMA. M. (org.). *Chicana Feminist Thought: the Basic Historical Writings*. London: Routledge. 1997.

GILROY, PAUL. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GUEDES DE OLIVEIRA, M. (org.). *Brasil e EUA no Novo Milênio*. Núcleo de Estudos Americanos – NEA/UFPE. Recife-PE, 1998.

GÓMES-PEÑA, GUILLERMO. *Warrior for the Gringostroika*. Canadá: Graywolf Press, 1993.

HALL, STUART. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cultural Identity and Diaspora*. IN: MIRZOEFF, NICHOLAS. *Diáspora and Visual Culture*. Ed. Routlededge. London/New York. 200. Cap.1.p. 21 – 33.

HUA, ANH. *Diáspora and Cultural Memory*. IN: AGNEW,V. *Diáspora, Memory and Identity: a search for Home*. Toronto: University of Toronto Press, 2005. Cap. 7. p. 191-207.

IANNI, OCTAVIO. Teoria de la Globalización. [http://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=BUqzdv-07i0C&oi=fnd&pg=PA3&ots=Zc\\_1UlnLfR&sig=XC-rCkeX8k8aB0-T0fpodvTiVqE#PPA7,M1](http://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=BUqzdv-07i0C&oi=fnd&pg=PA3&ots=Zc_1UlnLfR&sig=XC-rCkeX8k8aB0-T0fpodvTiVqE#PPA7,M1). Acesso em 11 de abril de 2009.

LAPLANTINE, FRANÇOIS. Marie-Agnès Chauvel, Maria Isaura Pereira de Queiróz (colaboradoras) *Aprender Antropología*. Editora Brasiliense 2000.

LEON-PORTILLA, MIGUEL. *Visión de los vencidos. Relaciones indígenas de la Conquista*, Mexico. 1959.

\_\_\_\_\_. *Imagen del México antiguo*, Buenos Aires. 1963.

LIMA, ALDO de. *DANTE ALIGHIERI: conteúdos de um trajeto antropológico*. Recife: Editoria Universitária da UFPE, 2007.

MADJAROF, ROSANA. IN: O Mundo dos Filósofos: Heráclito de Éfeso. [www.mundodosfilosofos.com.br/heraclito.htm](http://www.mundodosfilosofos.com.br/heraclito.htm). Acesso em 20/10/2009

MORRISON, T. *Beloved*. New York: Alfred A Knopf, 1998.

MORRISON, T. *Amada*. Trad. José Rubens Siquiera, São Paulo: Compañía das Letras, 2007.

NITRINI, S. *Literatura comparada*. São Paulo: EDUSP, 1997.

ORTIZ, F. *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azúcar*. Madrid: Cátedra, 2002.

PAZ, OCTAVIO. *O Labirinto da Solidão e Post. Scriptum*. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PEIRANO, MARIZA: *A Alteridade em Contexto: A Antropologia como Ciência Social no Brasil*. <http://www.unb.br/ics/dan/Serie255empdf.pdf> - acesso em 14/10/2008

PÉREZ-TORRES, RAFAEL. “*Refiguring Aztlán*”. *Post Colonial Theory and The United States: Race, Ethnicity, and Literature*. Ed. Amritjit Singh and Peter Schmidt. Jackson: University Press of Mississippi, 2000. 103-121.

PERRONE-MOISÉS, L. *Altas Literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

RIBEIRO, DARCY. *As Américas e a Civilização – Processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, RONILDA IYAKEMI. *Cosmic Time and Individual Time in Yoruba Thought and Life*. África - Revista do Centro de Estudos Africanos, São Paulo, n. 18:19 (1), p. 241-250, 1996.

SILVA, TOMAZ TADEU (org), Stuart Hall, Kathryn Woodward. *Identidade e Diferença. A Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SINGH, AMRITJIT; SCHMIDT, PETER (org.). *Postcolonial Theory and The United States: race, ethnicity, and literature*. University Press of Mississippi. USA, 2000.

TODOROV, TZVETAN. Perroni-Moisés, Beatriz (col.). *A Conquista da América a Questão do Outro*. 3<sup>a</sup>ed. Martins Fontes. 2003.

TYRRASCH, D. *Toni Morrison's Beloved and Postmodern Feminism*. Revista Investigações, UFPE. Recife, 5:20-28. 1995

UREÑA, PEDRO HENRIQUEZ. *História de La Cultura em La América Hispânica*. 8<sup>a</sup> ed. Fondo de Cultura Econômica. México. 1966.

WALTER, ROLAND. *Narrative Identities: (Inter) Cultural In- Bettweenness in the Americas*. Peter Lang. Bern. 2003.

\_\_\_\_\_. *Afro-América: Diálogos Literários na Diáspora Negra das Américas*. Coleção Letras. Bagaço, 2009.

\_\_\_\_\_. Fronteira e Espaços Fronteiriços Interamericanos. Disponível em <<http://www.er.uqam.ca/nobel/gricis/actes/utopie/Walter.pdf>>. Acesso em: 19 nov.2007.

\_\_\_\_\_. *Rosto Colado: A Dança Fronteiriça do Contraditório Processo de Significação nos Estados Unidos* . IN: Guedes Oliveira, Marcos. *Brasil no Novo Milênio*. Núcleo de estudos Americanos – NEA/UFPE. Recife-PE. 1998. p. 209 – 231.

\_\_\_\_\_. *Magical Realism in Contemporary Chicano Fiction*: Ron Arias, The road to Tamanzuchale (1975); Orlando Romero, Nambé-year one (1976); Miguel Méndez M. The dream of Santa María de las Piedras (1989)/ Roland Walter. – Frankfurt am Main: Vervuert, 1993.

\_\_\_\_\_. *Transferências Interculturais*: Notas sobre Trans-Cultura, Multi Cultura, Diásporas e encruzilhadas. Revista Sociopoética, vol.1, Art. 5. 2006 Disponível:

[http://www.uepb.pb.gov.br/eduep/sociopoetica/publicacoes/v1n1/v1n1\\_artigo05.html](http://www.uepb.pb.gov.br/eduep/sociopoetica/publicacoes/v1n1/v1n1_artigo05.html)  
Acesso em: 19.nov.2007.

**SITES NA INTERNET:**

BLOG ÁREA MILITAR: <http://www.areamilitar.net/HISTbcr.aspx?N=47> acesso em 13/08/2009

BOYLE, T. C. Website: <http://www.tcboyle.com/index.html?2>. Acesso em 20/10/2009.

**CULTURA YORUBÁ:**

<http://biblioafrogriot.blogspot.com/2009/11/sikiru-salami-king-cantico-dos-orixas.html>

[http://www.lendas.orixas.nom.br/artigos\\_jose\\_ribas.htm](http://www.lendas.orixas.nom.br/artigos_jose_ribas.htm)

<http://ocandomble.wordpress.com/2008/05/17/abiku/> - Acesso em 15/12/2009.

REVISTA GALILEU. nº 103. [http://galileu.globo.com/edic/103/con\\_livro2.htm](http://galileu.globo.com/edic/103/con_livro2.htm) acesso em 15/12/2009.